VOZ DE S. ANTONIO

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, pelo Ex.mo Ordinario e varios Prelados.

N.º 10 * OUTUBRO * 1899

1895 — ARCHIDIŒCESIS BRACARENSIS HISPANIARUM PRIMATIS — 1899

SÉRIE 3.ª

J. J. Moreira, des.

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO: *Um caso phenomenal. — Morreu!... — Projectos da maç.·. franceza. — Uma opinião insuspeita: cumprimentos curiosos.*

A imprensa franceza dá noticia d'um acontecimento de extraordinaria importancia, verdadeiramente phenomenal, que produziu um alarme infernal nos arraiaes do livre pensamento e do sectarismo maçonico-liberal.

Nem os leitores suspeitarão de que se trata. E, para que não percam tempo a matutar sobre o caso, vou pôr tudo em pratos limpos. Foi o caso, que o ministro da guerra da republica franceza, general Gallifet, assistindo ás exequias do general Brault, chefe do Estado-maior, se atreveu a pronunciar o seguinte discurso:

«Senhores: Brault foi o meu companheiro em toda a parte aonde a França levou as suas armas. Foi muitas vezes o meu cooperador e sempre meu amigo.

«*Deus* levou-nos este homem honesto, que sacrificou ao serviço da patria o seu repouso, a sua saude, a sua vida. Consolemo-nos pensando que *este soldado christão recebeu a sua recompensa em um mundo melhor.*

«Adeus, Brault, adeus!»

Nota *L'Univers* que foi a primeira vez, desde ha largos annos, que um ministro francez, fallando publicamente como tal, se atreveu a empregar uma linguagem tão christã.

A imprensa maçonica levantou-se em uma só voz contra o pobre Gallifet, a quem ainda ha pouco incensava de cócoras como instrumento e mandatario das lojas. *L'Aurore*, orgão official do dreyfusismo, nota com desprezo esta «evolução escandalosa» (Pois claro: fallar em publico no nome de Deus... que grande escandalo!!!...) O *Radical* exprobra ao ministro, em termos bem severos e causticos, o não haver fallado na Republica. *Le Siécle* diz que «o Padre Du Lac não fallaria d'outro modo». *Le Journal du Peuple*, do anarchista e inimigo da sociedade, Sebastião Faure, brada furioso contra o ministro que «caiu n'uma abjecção de sacristães».

La Petite Republique, orgão official do socialismo francez e porta-voz do actual ministro collectivista Millerand, collega e comparsa de Gallifet, exclama espumando de raiva: «A sotaina é uma libré infame sob a qual se occulta o que de mais vil, abjecto e immundo existe entre os homens. Não vale a pena tomar precauções ou estabelecer cordões sanitarios contra a peste e o cólera, se não sabemos defender-nos da gangrena clerical. Abaixo o *solidéo!*»

Ora vejam os leitores que algazarra infernal, por tão pouca coisa! Que medonho estrebuchar de possessos! Esta evocação d'um nome proscripto pela maçonaria—porque as seitas, em conformidade com as determinações do seu patriarcha Voltaire, accordaram em que Deus deixasse de existir...—pois esta evocação d'um nome proscripto e votado ao ostracismo pelos altos representantes do livre-pensamento, faz de Gallifet um homem perigoso e suspeito, e não será de maravilhar que ámanhã o vejamos ahi preso, incommunicavel e processado... por traidor... Pois se elle parece ter-se colligado com uma personalidade tão perigosa e suspeita para a existencia das instituições republicanas em França! Se elle se apresenta em publico e officialmente como colligado com Deus, se pronuncia o seu nome, se ousa dizer que elle premiará as virtudes civicas e christãs d'um militar!...

Pela minha parte, acho bastante suspeita esta conversão da ultima hora. Segundo referem os jornaes, o ministro da guerra não fallou d'aquella fórma, sem prévia combinação com o presidente do gabinete; e, n'este caso, não seria aquillo um estratagema com o fim de dispôr a opinião para as medidas draconianas e anti-liberaes que se preparam contra os institutos religiosos? Não será aquillo procedimento de quem se diz *catholico*, mas não quer ser *clerical*? Não será uma satisfação prévia dada ao Papa e aos catholicos pelas violencias que se meditam contra a Egreja?

Oxalá eu me engane.

Mas... *timeo danaos*...

— Os leitores ainda se lembram do famoso *Liberal de Gaya* (usava *y grego* por luxo) o *Liberal* das correspondencias do tal que comia, bebia, partia os pratos e pagava calumniando e mentindo? Pois o *Liberal* esticou o pernil.

Quem me dá a noticia é o *Grito do Povo*, que diz:

«*Mortus est!* Morreu, o desgraçado, na flôr da idade. Estava tisico, o misero, mas ia arrastando uma vida de valetudinario como Deus era servido. Veio a bubonica, e, encontrando-o fraco, atirou-o para a valla dos cães, porque elle morreu declarando no testamento que queria enterro civil. E lá está, no cemiterio dos não catholicos, com duas carpideiras ao lado, de lenço estendido em attitude de quem enxuga os olhos. Do lado direito Cassels, dizendo: «Fôste a mais querida ovelha do meu rebanho, mas resta-me a consolação de que te não faltei com o preciso para o sustento até ao ultimo alento!»; e do esquerdo o redactor que apanhou retrato no dito, exclamando: «Tanta lida para tão pouca vida! morreste depois de me teres mamado o mais saboroso leite!»

«Consta-nos que foi preciso abrir uma subscripção entre os padrinhos para fazer um enterro decente ao pobre *Liberal*. Mais nos consta que, no apurar das contas, os padrinhos se desavieram, tendo havido descompostura brava, que ficou occulta para não deshonrar as honradas barbas do morto.

«Que a terra lhe seja leve!»

Pois seja. Ao menos tanto como elle tinha a cabaça...

— *La Croix*, de Paris, escreve o seguinte ácerca dos projectos da maçonaria franceza:

«Não será necessario ir muito longe para averiguar a origem de todos os projectos sectarios que devem ser apresentados na abertura das camaras. Todos téem uma causa: a Franc-Maçonaria.

«Ainda não conhecemos officialmente as deliberações do ultimo Convenio, mas temos entre mãos o relatorio official do Congresso das Lojas da Região Parisiense effectuada em Paris nos dias 22, 23 e 24 de julho ultimo. Sabe-se que este Congresso é sempre a verdadeira preparação do Convenio e tem sobre elle uma influencia preponderante.

«Eis as quatro propostas adoptadas por este Congresso e destinadas a serem submettidas ás deliberações do Convenio:

«Os delegados das LL.·. da Região Parisiense, reunidos em Congresso, á vista das intrigas do partido clerical, que, de novo, agrupa as suas forças para tentar um supremo esforço contra a Republica: pedem a applicação dos decretos de 30 de março de 1880, dissolvendo a Ordem dos Jesuitas e outras Congregações não auctorisadas, decretos que nunca fôram cumpridos.

«Emitte a proposta: que a abolição da lei Falloux seja votada pelas camaras e que o monopolio do ensino em todos os graus pertença ao Estado.

«O Congresso renova a proposta adoptada pelo Convenio de 1898, pedindo:

«1.º — Que a separação da Egreja e do Estado seja effectuada o mais breve possivel, pela suppressão do orçamento dos cultos.

5.º ANNO — N.º 10 | 3.ª SERIE | OUTUBRO — 1899

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

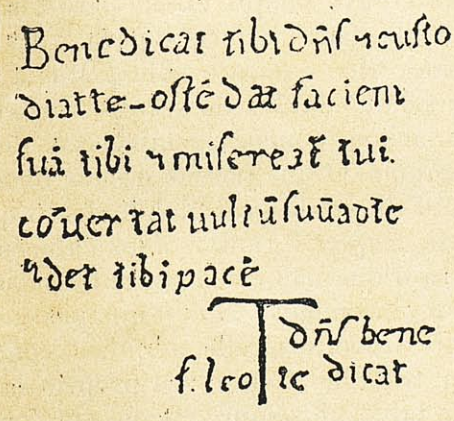
Papelaria e Typographia Universal
DE AUGUSTO COSTA & PEREIRA

Editor
DOMINGOS JOSÉ DE SOUZA GOMES

SUMMARIO

Mais guerras.
I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: Quinto Congresso da V. Ordem Terceira de S. Francisco.— Acção franciscana. — Palestras familiares. — Santo Protector para o mez de novembro. — Virtude a imitar. — Absolvição geral. — Indulgencias a lucrar. — Pensamentos. — Anecdotas.
II Parte — LEITURAS AMENAS: João Cidade.
III Parte — CULTO DE S. ANTONIO: Almanach de Santo Antonio para 1900. — Novos membros da Pia União. — Braga. — Torres Vedras. — Os Cofres do Pão dos Pobres de Santo Antonio. — Recommendações especiaes. — Os nossos defuntos. — Estrangeiro.
IV Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: Questões juridicas sobre a Ordem Terceira. — Ego Mater! *(poesia)*. — Bibliographia. — As nossas illustrações.
V Parte — CHRONICA UNIVERSAL.
Gravuras: «Fac simile» da benção de S. Francisco a Fr. Leão. — S. Francisco d'Assis (quadro de Murillo). — Portal da egreja de Santa Maria de Belem. — Rev.º Padre Fr. Joaquim de Purificação.—A loucura de Hugo vander Goes.

Facsimile da benção de S. Francisco a Fr. Leão



Benedicat tibi Dominus et custodiat
te, ostendat faciem
suam tibi et misereatur tui
convertat vultum suum ad te et det
tibi pacem.
Dominus bene † dicat,
te frater leo.

Traducção portugueza: O Senhor te abençôe e te guarde, te mostre a sua face e se compadeça de ti, volva a ti o seu rosto e te dê a paz. O Senhor te abençôe, Fr. Leão.

MAIS GUERRAS

O seculo das luzes, prestes a extinguir-se, lega, com effeito, ao que lhe vae succeder, um facho de luz vivissima.

E' o clarão sinistro da polvora incendiada dos canhões, que ouvimos estrugir ao longe, n'uma lucta fratricida, impropria de cannibaes, e muito menos de filhos do progresso. Ha pouco era a Grecia a victima sacrificada ás ambições desmedidas dos prepotentes. Hontem a Hespanha via arrancar-se-lhe para sempre as duas mais bellas joias que ainda ornavam a sua corôa aurifulgente, onde havia engastado as preciosas perolas do Oriente. E' verdade que para as defender, correram rios de sangue, fizeram-se os ultimos sacrificios. Mas que importou tudo isso se mais forte era a cubiça dos expoliadores? E, como se isto ainda não bastasse para rubricar o testamento negro do seculo XIX, está prestes a rebentar, se não houver rebentado já, (1) o conflicto sanguinolento entre povos irmãos, no fundo da Africa. Vae ouvir-se de novo o estampido do canhão e o fusilar das espingardas. Milhares de victimas serão sacrificadas. Um sem numero de desgraças sobrevirá a ambos os povos travados na lucta, e aos que, por dever ou por conveniencia, houverem de tomar parte n'ella. Nem é facil calcular aonde poderão chegar os perniciosos effeitos d'uma guerra que poderá durar muitos annos, e envolver na sua marcha sanguinolenta os povos que talvez não merecessem que sobre elles viesse já o terrivel castigo. Mas que importa a desgraça alheia ao que julga a felicidade monopolio seu? A ambição e, n'este caso, o *auri sacra fames* pesam mais na balança dos que téem ás suas ordens a força, e da qual podem usar ou abusar, sem receio de que se lhes peça contas. Ha nas montanhas do Transwaal riquissimos jazigos d'ouro, e convém que elles abasteçam os thesouros de Albion, que não julga sufficiente o que possue para ser feliz. Isto é que importa. Mas para chegar até lá é necessaria a guerra. Venha ella, que não póde deixar de saciar-se a nossa ambição, nem a ventura de possuir os thesouros do mundo póde ser excluida das prerogativas da velha corôa britanica! As antigas praxes da justiça e do direito mandavam respeitar a propriedade alheia, embora fôsse do mais fraco. Mas esses principios, que se julgavam intangiveis, caducaram. As luzes que este seculo tem irradiado são tão intensas, que fazem descobrir o erro onde só havia a verdade, e proclamam como verdadeiro o que sempre fôra tido na conta de erro e falta gravissima. Houve sempre um só peso e uma medida, para o forte e para o fraco, para o rico e para o pobre. Mas a intensidade da luz do seculo moribundo achou pouco, e estabeleceu duas medidas. O que possue o mais forte é só d'elle, e desgraçado do fraco que ousa sequer levantar olhos cubiçosos para o que não é seu; cara lhe custará a temeridade. Mas o que possue o mais fraco, que elle adquiriu com o seu trabalho, com o seu proprio sangue talvez, e sempre gozou, em força dos mais justos titulos, não é só d'elle, é do mais forte, que só por uma generosa condescendencia o não arrecadou ainda no seu thesouro, mas que o fará, logo que assim haja mistér

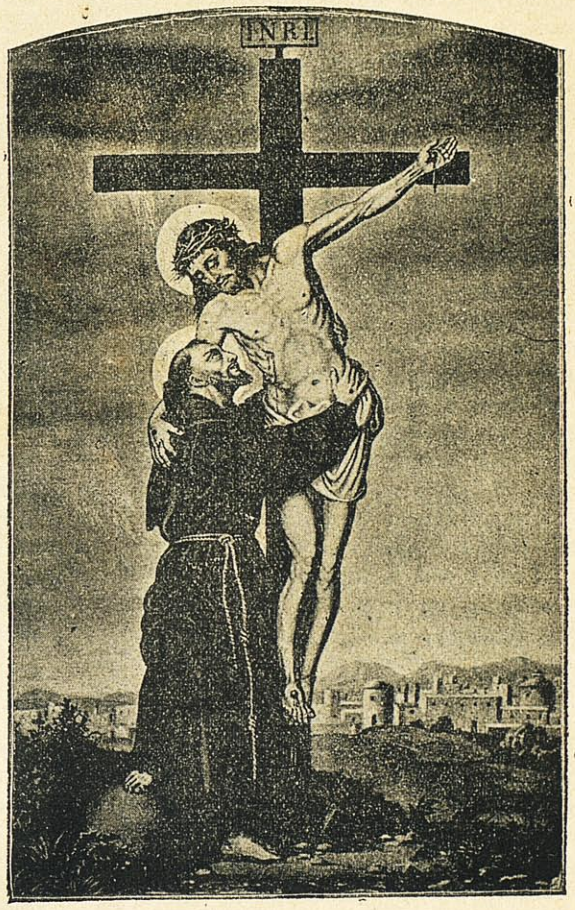
(1) As ultimas noticias confirmam, infelizmente, as nossas previsões.

para sua conveniencia! Taes são os novos principios que os factos estabelecem, e que vêmos correr com uma complacencia assustadora dos que, por dever, e por interesse deviam combatêl-os. A guerra é um flagello que todos temem. Só para defesa da justiça, e salvaguarda de maiores interesses ella se deveria permittir. E, todavia, vêmol-a accesa pela injustiça, para calcar aos pés o direito!

E' espantoso; mas ninguem póde estranhar a consequencia má d'um principio péssimo. Este principio foi a culposa condescendencia com que as grandes potencias assistiram ao aniquilamento da Polonia, e depois á expoliação sacrilega do patrimonio de S. Pedro, etc.

Então deviam fallar, mas convinha-lhes o silencio, e este silencio que então se guardou, não ha razão para hoje se violar. E assim ficamos expostos a vêr um bello dia desapparecer do numero das nações qualquer povo livre que tenha a desgraça de attrahir a cubiça do mais fórte! Triste legado é o que vem a herdar o seculo XX!

E, se Deus não se compadece de nós, onde irá tudo isto parar?...



S. Francisco d'Assis
(Quadro de Murillo)

SECÇÃO DOUTRINAL

QUINTO CONGRESSO DA V. ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO

16 a 20 de agosto de 1899

movimento franciscano accentuando-se de dia para dia dá-nos mais uma prova da sua vitalidade fecunda. A voz do Papa, que constituiu a Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco esperança unica da reforma social, alentou os espiritos de boa vontade a preferirem o trabalho aos gemidos, a deixarem as trevas d'um pessimismo esteril pela vivificação salutar de um porvir consolador.

Tratando-se da organisação de um plano, não havia prescindir das difficuldades do começo: são inseparaveis de qualquer projecto, ás vezes de qualquer accomodação de principios, e isto ainda mesmo no seio da Egreja; e aqui até mais facilmente, attentas as disposições particulares do espirito humano. De facto, a Egreja depositaria dos designios do céo, cuja vastidão não póde deixar de proporcionar-se á intelligencia que os concebe, nem sempre é comprehendida por almas, a quem a minima compli-

cação atemorisa e para as quaes, afóra o pequenino mundo individual, não restam maiores cuidados.

Foi assim que a preconisada reforma de Leão XIII, pela Ordem Terceira, pareceu a alguns, de boas crenças aliás e melhor vida, uma aberração do verdadeiro espirito christão, um esforço esteril, por basear, segundo elles, em outro fundamento que não eram os exemplos de Jesus Christo e a sua doutrina. Reforme-se o individuo, diziam, pelos ideaes do sacrificio e da penitencia, e teremos a paz. Por outras palavras: soffra o operario, o pobre, o infeliz, resignem-se, muito embora o ladrão não deixe de roubar, o usurario accumule até aos telhados: teremos o equilibrio na sociedade pelo silencio da parte opprimida.

Em meio d'estas divergencias tinha reunido o quarto Congresso em Nimes, o qual terminado não era de esperar um completo assentimento ás resoluções n'elle tomadas, resoluções que tinham em vista uma orientação verdadeiramente social, e que attendiam por conseguinte ao bem estar de todos, não pelo soffrimento do opprimido, mas pelo equilibrio mutuo decedindo o semilhante a auxiliar o seu semilhante.

Temos pois a importancia do novo Congresso. Além de muitas outras conveniencias, mostrar-nos-ha a união dos espiritos para a obra começada, que é mistér proseguir e concluir. E felizmente que o Congresso de Tolosa abriu sobre os melhores auspicios de uma cordealidade sincera, no meio dos protestos de verdadeira união. As palavras de Leão XIII «o meu plano da reforma social é a Ordem Terceira», fôram consagradas no dizer do presidente para a *formula sacramental do nosso Congresso.*

Cerimonia da inauguração

Foi á tarde de 15 de agosto na cathedral de S. Estevão. Em seguida ao *Veni Creator*, Mgr. Compans occupou-se, em um bello discurso, do programma dos Terceiros.

Comendia-o nas conhecidas palavras de S. Paulo a Timotheo: «ao rei dos seculos, A'quelle que é immortal e invisivel, a Deus só, honra e gloria». Assim, dizia, a vida do Terceiro, como bom christão deve ser um hymno continuado ás glorias do Creador.

Propõe dois meios: a reprodução fiel, no viver privado de cada um, da vida de Jesus, vida de soffrimento e dedicação: o exercicio d'uma influencia salutar na familia, muito particularmente no tocante á educação dos filhos. Pede depois a união de boas vontades á custa do sacrificio de quaesquer preferencias politicas. Essas deixal-as-hemos aos pés da cruz. Sejamos christãos sobre tudo, e antes de tudo. Jesus Christo é o nosso amigo unico, o nosso unico mestre. Terceiros, exclama o orador, as paginas da nossa historia dictam-nos claramente o que nos cumpre n'este momento. Os bellos factos do pontificado de Gregorio IX reproduzir-se-hão tambem hoje admiravelmente, comtanto que não desampareis jámais o vosso posto nas fileiras da obediencia completa, absoluta, a tudo quanto nos pede o Vigario de Jesus Christo.

Apresentando tudo isto como necessario para a realisação do programma que havia proposto, conclue pelo mesmo hymno de gloria, com que principiou.

Formou-se depois uma procissão magnifica, que terminou pela benção solemne do Santissimo, dada por Mgr. Nardi, presidente honorario do Congresso. Cheios de esperança, enthusiasmo, e sobretudo decididos a trabalhar pela união reciproca de principios e conclusões, aguardam os congressistas o

PRIMEIRO DIA

A capella do Pensionato de S. José, pertencente aos Irmãos das Escolas Christãs, foi determinada para a celebração da missa do Congresso, seguindo-se em uma das salas do mesmo pensionato a sessão geral da abertura.

Via-se no logar de honra Mgr. Nardi ladeado pelo arcypreste da diocese, delegados de bispos, representantes de communidades religiosas, entre os quaes muitos da primeira Ordem; nomearemos os Rev.os Padres Provinciaes, da Provincia de S. Bernardino, dos Capuchinhos de Paris, dos Capuchinhos da Inglaterra, e os Rev.os Padres Guardiães de Brives, do Convento de Nimes, do Convento da rua Puteaux em Paris, e muitos outros, que mostraram realmente um verdadeiro conhecimento da missão da primeira Ordem, para com a Terceira, zelando por conseguinte, como bons filhos, o cumprimento exacto dos desejos do Pastor Supremo da Egreja, cujo triumpho

elle confiou aos trabalhos e desenvolvimento dos Terceiros Franciscanos.

Na mesa da direcção presidia o rev.º Padre Luiz de Porrentruy, definidor Geral Capuchinho, assistido de Mgr. Touset, vigario Geral, dos Rev.os Padres Julio do Sagrado Coração e Maria Bernado, Commissarios Geraes, etc. A concorrencia de illustres personagens estrangeiros dava ao Congresso um caracter internacional.

Começou a ouvir-se o digno presidente que pronunciou o discurso da abertura, repassado do enthusiasmo proporcionado pela occasião, e no qual tocou os pontos mais adequados a excitar aos trabalhos do Congresso pela união e pelo amor. Entre outros motivos recordou a coincidencia da festa de S. Luiz de Tolosa. S. Luiz de Tolosa, diz, lá no céo, não póde desinteressar-se das coisas da terra; vigia hoje como sempre por nós e pela Egreja. A elle devemos o grande Pontifice que nos governa; a sua protecção defenderá o nosso Congresso. E assim quereria eu que o actual Congresso se fique denominando *O Congresso de S. Luiz de Tolosa*. (Applausos). Declara a necessidade de imprimir ao Congresso um caracter verdadeiramente social, e apresenta, como base de discussão, a *Encyclica Auspicato* que elle considera um facto verdadeiramente providencial: «vinte annos mais cedo ficaria sem resultados. O que era a Ordem Terceira ha trinta ou quarenta annos?...»

A primeira Ordem dispersa pela revolução, a Terceira Ordem ignorada e despresada; restavam apenas uns poucos velhos, dignos das homenagens de nós todos. A estes chamara *pietistas*. Não ha duvida que o medo os obrigou a esconderem-se, porém, á maneira do vento maravilhoso do Cenaculo, um sopro vivificante lhes penetrou em casa: tal era a Encyclica *Auspicato*. A primeira impressão não foi favoravel. Os pobres velhos e, sobretudo, as pobres velhas queriam cerrar a porta, mas bem depressa se reanimam á vista da multidão que entrava. Começa desde logo este bello movimento, cujas maravilhas a historia nos contará mais tarde. A Ordem Terceira era nada, e hoje constituimos um exercito. Termina pela narração de um acto commovedor praticado por um aldeão do Westphalia: Devia o infeliz soffrer uma operação, pela qual perderia a lingua; o medico aconselha-o a reconciliar-se com Deus pela confissão, e a dizer como despedida as palavras que mais gravadas tivesse no coração. O infeliz levanta-se e cheio de consolação exclama: — Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo para sempre! N'este bom christão encontrava o orador o verdadeiro modelo de todos os Terceiros.

Foi depois concedida a palavra a Mgr. o abbade Lademze, que entreteve o auditorio ácêrca das relações da Ordem Terceira com as fraternidades em geral. Os congressistas dividiram-se em seguida pelas commissões particulares. Entre as propostas apresentadas, é digna de attenção, a do rev.º Padre Cyrillo, membro da reunião sacerdotal. Deplora a indifferença geral dos padres e religiosos para com uma associação tantas vezes recommendada pelos Summos Pontifices, emittindo em consequencia o voto seguinte:

«*Os padres e religiosos façam conhecer e estimar a Ordem Terceira; estimulem frequente e prudentemente os fieis a alistarem-se. Obedeçam ao Papa n'isto como em tudo o mais, pondo de parte qualquer idéa pessoal, qualquer apparencia de inutilidade*».

E' realmente esta persuasão de trabalhar sem resultado a que impede ás vezes o emprehendimento d'uma obra tão gloriosa. Temos ouvido dizer muitas vezes: é impossivel, não se faz nada. Mas qual a razão de tamanho pessimismo?...

E, descendo de consequencia em consequencia, vimos a encontrar com uma preoccupação meramente subjectiva, causada pelas naturaes contradicções que envolvem os trabalhos do homem. E' certo que os materiaes do edificio não se adquirem sem custo e suor; dispersos aqui e acolá, quantos obstaculos á sua approximação, quantos desalentos em face da mole soberba que projectamos? Mas por que motivo não levamos confiadamente a nossa pedrinha a pouco e pouco até vêr se ao menos lhe cubrimos o alicerce? Virá talvez em seguida algum desalmado enraivecido que nol-o esconda e calque, sem comtudo o destruir visto não sombrear aos terrenos, e isso nos basta.

Mais tarde os vindouros descobrirão com paciencia e respeito o fructo dos suores alheios, e animados pelo exemplo e adiantamento da obra resolverão proseguir e terminar.

Não será este o curso de todos os emprehendimentos de monta? Desejavamos vêr bem entendida a grande necessidade de prescindir das nossas chimeras, para lançarmos mão ao trabalho tambem cá em terras de Portugal, sob as indicações sabias e providenciaes de Leão XIII. Como ministros do altar, difficilmente attingiremos a sublimidade do nosso ministerio descurando o bem estar da sociedade, o perfeito equilibrio entre semilhante e semilhante, pessoas todas que nos são confiadas pela caridade immensa de Jesus Christo.

SEGUNDO DIA

Reuniu a segundo sessão geral, deveras interessante pelo improviso do rev.º Padre Lemius, a instancias do presidente. Já antes o rev.º Padre Maria Boaventura fallando sob o alistamento da Terceira Ordem nos centros operarios, accentuou mais uma vez o fim absolutamente social da mesma Ordem. Apresentou tres meios: 1.º a acção individual do semilhante sobre o seu semilhante; 2.º as conferencias publicas; 3.º o attractivo d'uma fraternidade bem organisada sob o ponto de vista temporal como espiritual.

O Padre Lemius, chegado havia pouco, começou, como iamos dizendo, o seu bello improviso sobre a generalidade caracteristica da Ordem Terceira, no qual adianta as conclusões do Padre Maria, e exige tres caracteres á Ordem Terceira. E' necessario comprehender em primeiro logar uma vida sinceramente christã; em segundo logar deve ser militante, isto é, deve combater denodadamente o inimigo, e com tanta maior energia quanto seu odio é mais profundo; deve finalmente impedir o soffrimento quanto possivel. Vivamente apaixonado pelo povo, hoje como no seculo XIII, representante da oppressão e do soffrimento, o Padre Lemius declara uma guerra aberta aos judeus. Cita o exemplo admiravel do B. Bernardino de Feltro, que só com um seu Monte Pio, derrubou vinte e quatro bancos judeus.

Guerra aos franc-mações, conclue, os servos mais obedientes dos judeus; guerra ao ensino neutro, pois que o homem sem uma inspiração religiosa jámais sairá dos estreitos limites do seu egoismo, para comprehender os estrictos deveres que o ligam a seu semilhante.

O orador desce da tribuna em meio dos applausos sinceros da multidão que o ouviu sempre com interesse. As suas palavras tornaram-se o assumpto mais vulgar das conversas de todo o dia, e a terceira sessão começada pelas quatro horas da tarde, não foi mais do que uma serie de commentarios ao discurso do Padre Lemius.

O Padre Eduardo esforça-se por estender a acção da Ordem a todas as camadas sociaes. Diz ser indispensavel a quantidade, muito embora não possamos prescindir da qualidade. Com effeito é mistér patentear a todos a entrada, bater á porta do rico como do pobre, do superior como do subdito; e aos primeiros talvez ainda com maior assiduidade. As classes ricas e dirigentes são indispensaveis á execução d'uma verdadeira reforma social, pois que sem estas serão inuteis uma boa parte dos nossos exforços: faltará o equilibrio, restando sómente ao pobre e ao operario o silencio da resignação, ou o clamor temivel da revolta, tanto mais temivel quanto inutil. O Padre Eduardo propõe o exemplo, como o melhor attractivo de vocações, exemplo de piedade, exemplo de sacrificio e dedicação.

Em seguida o rev.º Padre Jeronymo, julga conveniente para a realisação completa do plano do Padre Eduardo a provisão dos recursos materiaes. Não lhe agradam as esmolas dadas por occasião das reuniões mensaes como insufficientes, e, reprovando o costume d'algumas fraternidades que obrigam os candidatos a uma somma fixa, prefere deixar tudo á generosidade de cada um. Obstam a isso alguns assistentes, dizendo haver necessidades verdadeiras que não podem deixar-se á contingencia d'uma generosidade maior ou menor. O resultado ficou suspenso. E, verdade seja, não nos parece este umdos pontos mais imprescindiveis, como tambem o não julgamos dos mais faceis a resolver. Não obstante, achamos preferivel um peculio, vistas certas necessidades positivas, o qual ainda que obrigatorio não seja por fórma alguma impedimento ás vocações, antepondo sempre á taxa positiva a generosidade, que de resto será um fructo da boa direcção da Ordem inspirada como deve ser na caridade evangelica.

*

Vimos nas tres sessões que examinamos

a arvore frondosa da Terceira Ordem estendendó os seus ramos beneficos por sobre os operarios, por sobre o pobre, como por sobre as classes mais elevadas ; restava uma que, apesar das suas apparencias insignificantes, não póde ser despresada por qualquer que devidamente se interesse pelo bem estar da sociedade : — é a juventude. Mgr. o abbade Fontan estava destinado a imprimir na terceira sessão um caracter peculiar, occupando-se dos *Circulos dos Estudos*. Téem elles por fim não sómente actualisar os jovens nas questões que mais lhes possam interessar, mas sobre tudo impellil-os á acção. A saude, porém, ao abbade Fontan obstou ao desempenho do encargo, substituindo-o o rev.º Padre José, o qual como director de um d'estes circulos em Lyão fallou com toda a abundancia da convicção. Confessou elle mesmo os medos, a opposição e as criticas do principio, medos, opposição e criticas que a experiencia desmentiu, funccionando agora em desenvolvimento progressivo á sombra da protecção do Cardeal Coullié e do clero.

Fazem-se as reuniões todos os oito dias. O conferente (Terceiro) interroga os meninos e dá-lhes explicações necessarias e uteis. Cada uma das creanças deve no fim compilar um resumo que o conferente examina ; ao cabo do anno destribuem-se premios. Quanto aos assumptos versados, temos no primeiro anno : necessidade da religião, existencia de Deus, immortalidade da alma, etc. ; segundo anno : origem e formação do universo, origem do homem, sua natureza, seu destino. A obra, progredindo de dia para dia, comprehende hoje só em Lyão, seis circulos de estudos, que reunem mais de quinhentos alumnos. E' claro que o programma indicado soppõe alguns requisitos mormente no tocante á idade e ao desenvolvimento intellectual, sem o que seria absurdo em muitas de suas partes. D'onde provém a necessidade absoluta de aferir o plano da educação nos circulos pelo maior ou menor desenvolvimento, segundo a maior ou menor idade etc. Seja porém como fôr, os fructos não deixarão de ser abundantes ainda mesmo para as idades mais tenras da escola. Terminada a terceira sessão geral houve depois uma reunião particular das representantes das fraternidades de mulheres.

Foi curiosa e instructiva por causa de algumas divergencias que se offereceram entre M.me Thereza Lacour e o rev.º Padre Thomaz. A snr.ª Lacour é uma Terceira fervorosa, uma Terceira modelo. Na sua relação apresentada ao Congresso, pugna pela necessidade de reconhecer certas casas onde se professe uma vida mais interior, sem que para isso tome o caracter de uma Congregação regular. Resulta este seu pensar de dois factos averiguados : os pedidos de muitas pessoas que, sem quererem experimentar os rigores da clausura, desejam viver na pratica dos conselhos evangelicos pelos tres votos, admittindo-os a essa profissão religiosos de qualquer ordem ; e o bem e influencia da Ordem Terceira sobre as instituições parochiaes e franciscanas. Ora as primeiras priva-as de optimos fructos o isolamento em que necessariamente téem de viver, ao passo que as segundas, por falta muitas vezes de estimulo e direcção conveniente, não produzem quanto seria de esperar. Cabem por conseguinte dois fins ás mencionadas casas : accender e conservar o verdadeiro fogo do espirito de S. Francisco, e proporcionar elementos de vida ás demais fraternidades. Em confirmação do valor da proposta adduz a snr.ª Lacour o exemplo da casa de Bourg-de-Peáge cujos trabalhos são innumeraveis. Pela sua *Livraria Seraphica*, occupa-se na diffusão dos livros de piedade e historia franciscana, emprega-se tambem na educação de meninas, sessenta das quaes conseguiu arrancar á influencia das escolas leigas. Eis portanto, a par d'outras conveniencias, um penhor seguro da diffusão da Ordem Terceira pelas vocações que não deixarão de germinar nas pequeninas educandas. Apezar porém de uma experiencia satisfatoria ter confirmado a solução das difficuldades acima indicadas, o Padre Thomaz crê que nem todas as aspirações de certas almas podem satisfazer-se pela Ordem Terceira. O rev.º Padre Julio, Commissario Geral, toma então em defesa o plano de Mme Lacour. Padre Thomaz diz elle, eu temo sómente que a pretexto d'uma vida mais perfeita se multipliquem as devoções de confraria e archiconfraria, preferindo assim o accessorio ao principal ; dizer porém que a Ordem Terceira não satisfaz a essas aspirações é uma idéa falsa. Após algumas divergencias mais, emittiu-se o voto em favor da necessidade das ditas casas com

tanto que o regulamento, bem como as emprezas a realisar, dependam do discretorio e se conformem ás necessidades locaes.

TERCEIRO DIA

Um dia alegre para os congressistas. Os votos de união formulados desde o principio entre os membros da Ordem Terceira como de fraternidade para fraternidade, e para ordens religiosas fôram hoje confirmados pela presença do rev.º Padre Delbrel da Companhia de Jesus. O presidente antes de lhe dar a palavra, agradeceu penhoradissimo a amabilidade com que os Padres da Companhia receberam os frades franciscanos em Liverpool, e, recordando os laços existentes entre as duas ordens já desde os bellos tempos de S. Ignacio, levanta um viva á Companhia de Jesus, a que toda a assembléa correspondeu com uma estrondosa salva de palmas. Em seguida o Padre Delbrel fallou admiravelmente sobre a importancia de completar o ensino do catechismo no que diz respeito aos conselhos evangelicos e Ordem Terceira franciscana. Entre cento e oitenta catechismos que o orador conhece só na França, apenas cinco ou seis fallam muito de passagem sobre o assumpto. Não obstante, os conselhos evangelicos são a perfeição da doutrina christã, e a corôa mais bella da constituição da Egreja, ao passo que a Ordem Terceira é no pensar de Leão XIII a salvação da sociedade.

Eis as conclusões do orador: 1.º deligenceiem todos aquelles a quem a catechese é confiada, sejam ecclesiasticos ou religiosos, nos collegios ou nos seminarios, na Egreja ou em particular, sejam os mesmos paes de familia, por tornar conhecidos ás creanças os conselhos evangelicos, bem como a bella instituição da Terceira Ordem franciscana, a qual estende a todos a pratica dos ditos conselhos; 2.º os padres que escrevem os cursos, ou manuaes de instrucção religiosa, ou são consultados para a composição dos mesmos esforcem-se por introduzir esta parte preciosa da moral christã; 3.º outrosim os examinadores commissionados pelos bispos ponham os devidos cuidados em supprir as faltas n'este sentido.

A este mesmo assumpto de ensino religioso se referiu o abbade Poey, pugnando por um curso superior de religião nos collegios para o que chamava a attenção dos Terceiros franciscanos.

A's quatro e meia da tarde continuaram os trabalhos do dia abrindo uma nova sessão cheia de interesse pelas questões ventiladas, como pelo modo admiravel com que os oradores se houveram. Falla em primeiro logar Mgr. o abbade Simão, vigario geral de Luçon, ácêrca da Ordem Terceira perante Leão XIII, e em face da opinião publica.

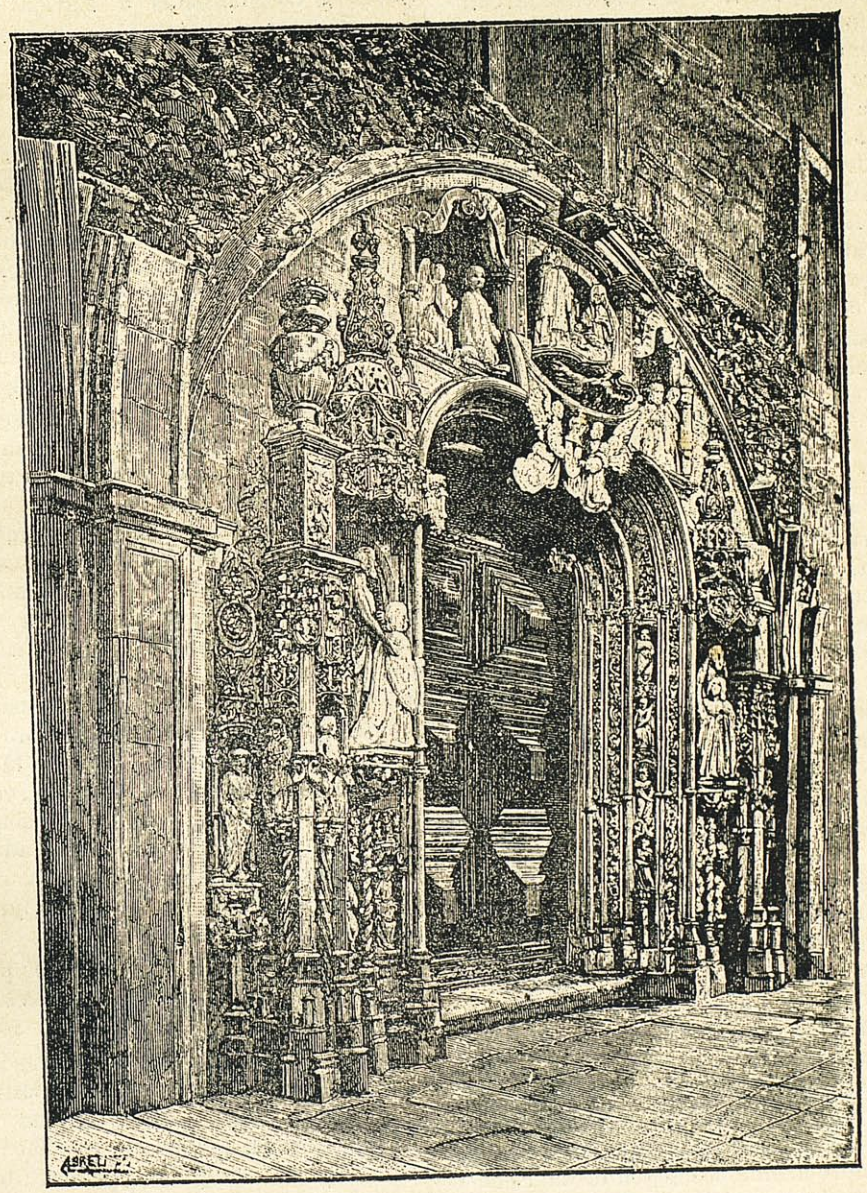
«Para conhecermos o pensamento de Leão XIII sobre a Ordem Terceira franciscana, possuimos a Encyclica *Auspicato* enviada aos bispos de todo o mundo em 1882. E' ella como um hymno triumphal ás prerogativas e á gloria do Seraphim d'Assis; suas obras grandiosas e fecundas, sua influencia incomparavel sobre as almas e os povos, sobre as lettras, as sciencias e as bellas artes, sobre tudo quanto constitue, no tocante ao util e ao bello, o complexo inteiro da civilisação christã. Quinze dias depois, em nome de Sua Santidade, o Cardeal Vigario dirigia ao clero de Roma, uma carta onde se vêem as conclusões seguintes: *empenhem-se os pastores de almas, os prégadores, e os confessores, assim do clero secular, como de qualquer Ordem regular, por excitar os fieis a inscreverem-se na Ordem Terceira de S. Francisco.*

O orador passa á comprovação da sua ultima these, a saber, que a Ordem Terceira convém aos ricos não menos que aos pobres, os priveligiados de Jesus. Assim conclue: nada de prejuizos, nada de prevenções; a Ordem Terceira é a união e a paz social, a fusão de todas as classes e de todos os corações.

Mgr. Paulo Lepeyre, apresenta o seu relatorio sobre a despovoação da França. «Em 1870 a população da Allemanha igualava a da França: hoje em 1899, virificam-se na Allemanha 1:800:000 mil nascimentos, ao passo que na França apparecem apenas 870:000». Explica o phenomeno desolador, pelas leis do trabalho e da moralidade. A falta d'ambos era a seu vêr a causa do sinistro. Fechou este dia o optimo discurso do rev.º Padre Dehan. Versou ácerca da caridade evangelica, e suas consequencias na vida social e economica. Nada mais bello, exclama o orador, mais amavel do que a caridade.

A caridade no céo é a vida de Deus,

é Deus mesmo; é a vida dos bemaventurados na sua união com Deus e entre si. A caridade sobre a terra é a vida do Coração de Jesus, d'onde provéem as mais admiraveis manifestações, o mysterio do Presepio, do Calvario e da Eucharistia! No Pontifice, que são os representantes de Deus sobre a terra. Se os catholicos d'uma nação amam a Deus, abraçam com ardor as indicações pontificias, na acção politica e social; a unidade dos corações se estabelecerá n'esse povo, o qual será forte pela benção divina.



PORTAL DA EGREJA DE SANTA MARIA DE BELEM (LISBOA)

coração do fiel a caridade é a amizade, e o reconhecimento para com Deus; é a união com o proximo, é a beneficencia para com os miseraveis.....

Quem ama a Deus ama a Egreja e o

A caridade mantem a concordia e a paz, augmenta as forças humanas, faz desapparecer as contestações e as rixas.

Não esqueçam os catholicos da França os desejos do Vigario de Jesus Christo, na

certeza de que, por esta conformidade se tornará mais forte para luctar contra a maçonaria, contra os inimigos todos de Deus, e da Egreja, contra os inimigos da sociedade mesma. As questões politicas são livres na theoria, na pratica porém, quando uma ordem de coisas é já estabelecida, cumpre submetter-nos. Não procuremos outra coisa além do que nos diz o Papa.

Entre as nossas obras uma antes de todas deve existir gravada nos corações dos Terceiros; tal é a propagação da Terceira Ordem. Leão XIII o pede, pede-o como Pontifice, pede-o por Deus!

O bello discurso do Padre Dehon foi quasi continuamente interrompido pelas acclamações dos circumstantes.

Em consequencia, o digno presidente aproveitando o ensejo pede orações quotidianas pelo Papa.

QUARTO DIA

A idéa d'uma despedida, junta com um profundo reconhecimento a Deus e aos homens, deram um tom caracteristico ás sessões d'este dia. Deus tinha com effeito dispensado as suas luzes, e o seu amor ao Congresso, que, a par de sabias medidas, soube conservar o laço sacratissimo da união entre todos seus membros. Os homens por seu turno, particularmente os Tolosanos, eram dignos da recompensa merecida por uma hospedagem cheia de cordealidade, á qual o presidente se referiu penhoradissimo.

Ouviram-se ainda com prazer varios oradores sobre os quaes não insistimos, visto serem as suas conclusões em parte mais ou menos incluidas nos dias anteriores, e em parte questões bastante controversas impossiveis por conseguinte de resolver na sessão d'um congresso, como declarou o illustre presidente.

Mgr. abbade Tournamille, chama as attenções para uma oitava peregrinação de operarios e mais Terceiros a Roma, com o fim de: 1.º asseverar o desejo da França de ser sempre a filha promogenita da Egreja; 2.º agradecer ao Papa os seus conselhos tão paternaes e tão dedicados á França; 3.º pedir perdão pelas desobediencias ás indicações que elle de todo o coração nos deseja vêr seguir; 4.º felicitar Leão XIII pela sua conservação milagrosa desejando-a *ad multos annos* para bem da Egreja.

ULTIMO DIA

O rev.º Padre presidente fez a despedida official com os agradecimentos necessarios, papel que desempenhou com a sua delicadeza caracteristica, dirigindo-se em seguida os congressistas á Egreja de Saint-Sernain para a encerração solemne do Congresso. Subiu ao pulpito o Padre Leão de Nantes, cujo discurso transcrevemos em alguns de seus pariodos.

«Existe a raça franciscana, por isso que existe uma multidão de fieis espalhados pelo universo, os quaes se gloriam não tanto de envergar as librés franciscanas, nem mesmo de seguir a regra de S. Francisco, mas sobre tudo por serem os herdeiros do espirito do Seraphico Pae, tendo um modo particular de pensar, de ser e de obrar distincto das outras familias religiosas.

«Os caracteres da raça franciscana são bem faceis a determinar; consistem na magnifica harmonia das virtudes evangelicas. Se é verdade que toda a virtude, como toda a paixão tem suas raizes no amor, tambem é verdade, que a raça franciscana possue a herança do amor de S. Francisco para com as obras de Deus. Amor que leva o franciscano, não a procurar a alegria nas coisas creadas, mas a buscar a Deus atravez e mediante as coisas creadas, e a dedicar-se a ellas, afim de melhor dedicar a Deus. S. Francisco tornou-se tão admiravel no seu amor pela natureza, como na sua vida penitente; a raça franciscana tem procurado sempre conquistar, invadir tudo: poesia, artes, sciencias, todos os estados, todos os mistéres afim de os dirigir todos para Deus.

«Pela raça franciscana todo o progresso é acceito, com tanto que não vá de encontro ao Evangelho de Deus.

«Não temamos pois o progresso, inspiremos o sacrificio, ajudemos a iniciativa; todas as obras devem encontrar na Ordem Terceira um sol vivificante que lhes entranhe o espirito evangelico, penhor de prosperidade, garantia do futuro».

Não é facil de descrever a commoção e enthusiasmo produzidos por este discurso em momento tão opportuno.

Foi debaixo d'estas impressões que formou uma procissão magnifica que terminou pela exposição e benção do Santissimo. Se-

guiu-se o *Te-Deum*, e com elle terminou o imponente Congresso de Tolosa.

Não será o ultimo de certo, mas Portugal continuará a proseguir no *seu dolce far-niente*, no seu letargo de completa inacção, apesar dos interesses da Egreja e da Patria urgirem o trabalho. E' que as circumstancias são outras e o equilibrio da sociedade portugueza exige um outro restaurador que não é nem poderá ser a Ordem Terceira de S. Francisco!!!...

Acção franciscana

S. Em.ª o Cardeal Sourrieu, Arcebispo de Rouen, ultimamente fallecido, quando se sentiu accommettido da terrivel enfermidade que devia arrebatar-lhe a vida, quiz aperceber-se para a tremenda viagem da eternidade, entrando na Ordem Terceira Franciscana. Tomou o habito já no leito da dôr, e morreu filho de S. Francisco.

— Outra vocação, ainda mais surprehendente sem duvida, foi a da menina Rosario Pidal, filha segunda d'uma das mais nobres e illustres familias de Hespanha. Seu pae é actual presidente da camara dos deputados, e um dos mais notaveis oradores parlamentares da nação visinha. A piedosa donzella entrou no convento de Prouille, no dia da Assumpção de Nossa Senhora, em agosto passado.

— Consta que em 1900 hão de celebrar-se em Hespanha grandes festejos em commemoração do quarto centenario da fundação da universidade de Alcalá. Projecta-se para então a erecção d'um monumento em honra do Ven. P. Francisco Ximenez, Cardeal Franciscano e principal fundador d'aquella universidade, da qual saíram, em tempos idos, gloriosos luminares da sciencia e da virtude, que illustraram com o brilho de suas letras e santidade a Ordem Seraphica, e a gloriosa Hespanha.

— Os Padres Capuchinhos belgas são d'um zêlo a toda a prova. Depois de seu magnifico Congresso ha pouco celebrado em Bruxellas, organisaram tambem uma bella peregrinação a Lourdes, nos dias 21 a 30 de agosto. Foi muito concorrida e, sobretudo, muito edificante a peregrinação.

— Na cathedral de New-York fundou-se ha pouco a *Confraria do S. Pascoal*. A iniciativa deve-se a Mgr Corrigan, bispo d'aquella cidade, o qual julgou interpretar assim o pensamento de Leão XIII, que ha pouco escolheu o humilde leigo franciscano para padroeiro de todas as obras eucharisticas. O fim da confraria é assegurar a cooperação activa e efficaz das damas da grande cidade americana, a fim de se poder attender á decencia e sumptuosidade do culto catholico, promovendo a ornamentação dos templos, o brilhantismo das solemnidades religiosas, etc. O Snr. Arcebispo é presidente honorario da confraria.

— Entre os prisioneiros hespanhoes, em poder dos philippinos, só na ilha de *Negros*, contavam-se 36 franciscanos (naturalmente por conspirarem contra a soberania de Hespanha n'aquellas ilhas, como quiz fazer crêr certa imprensa, mais ou menos avermelhada...)

Estes religiosos fôram agora postos em liberdade, devido aos bons officios do vice-consul da Allemanha. Já partiram para Manila.

— O Snr. Bispo de Verdun (França) n'uma carta dirigida ao P. Director d'uma peregrinação promovida pelos Terceiros de sua diocese, escreve estas palavras:

«Julgar-me-ia o mais feliz dos bispos, se me fôra dado vêr o maior numero possivel de meus diocesanos filiar-se na Ordem Terceira. Tenho para mim que ella não é ainda bem conhecida, que se exaggeram os deveres que impõe, que é julgada incompativel com a vida ordinaria. Prégae-a, pois, explicae-a, e, na vossa reunião do dia 14, convirja tudo a este ponto: fazer conhecer a Ordem Terceira, e tornar palpaveis as vantagens que ella proporciona».

Vem a proposito lembrar tambem as palavras que, no ultimo Congresso de Terceiros belgas, pronunciou S. Em.ª o Cardeal Gossens, Arcebispo de Malines:

«Trabalhae na propagação d'esta bemdita Ordem Terceira, fazei-a prosperar, estendei uma rêde benefica de *Fraternidades* por toda a extensão de nossa cara diocése! Estariamos seguro da sorte do nosso rebanho, sabendo-o salvaguardado pela égide protectora da mais pura moral do Evangelho, e de uma das mais fecundas instituições que hajam brotado do coração dos Santos».

— S. Em.ª o Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, em sua carta pastoral de 27 de agosto passado, a proposito da peste bubonica, aprecia nos seguintes termos a acção social e moralisadora, das Ordens e congregações religiosas:

«Vamos tambem bater ás portas de todas as Ordens e congregações religiosas, que apesar de quanto contra ellas se trama por toda a parte, são as corporações que mais dispostas se encontram sempre a sacrificar-se pelo bem do povo: umas pelos seus serviços nos hospitaes; outras, por longas orações dia e noite perante o Santissimo Sacramento de Nossos altares; outras, ainda, pela mais rigorosa penitencia a favor do proximo.

«Quem se offereceu ao governo de S. Magestade sempre que a peste n'estes ultimos tempos de perto ou de longe nos tem ameaçado? As irmãs hospitaleiras das Trinas contra as quaes tanto se escreveu, disse e acreditou. Agora mesmo nos consta que já se offereceram ao governo para irem ao Porto tratar dos empestados se necessario fôr.

«Como se tem correspondido a tanta dedicação, e abnegação?

«Com a maior das infamias para desacreditar aquellas, que tantos beneficios continuam prestando nos hospitaes do continente e ultramar, nas cosinhas economicas, e na educação dos filhos do povo pelas provincias. D'aqui as iras. Talvez porque o demonio não póde encarar o bem; mas devemos confessar que é bem feio para um paiz uma tal ingratidão.

«Permitta Deus que se faça a luz no povo, e que quando apparecer nova especulação contra alguma outra Collecta em Portugal, o povo esteja de sobre-aviso, e se convença de que os seus melhores amigos são os religiosos, na sua grande

maioria tambem filhos do povo, e não aquelles que especulam com as suas magras e pobres algibeiras.

«Onde tem o pobre artista a esperança de obter uma sopa, que lhe mate a fome, quando com ella se vê a braços por falta de trabalho? A' porta d'um convento, ou d'alguma casa religiosa.

«Ide ao collegio de Campolide, e ahi vereis todos os dias dezenas de pessoas levando para casa a substanciosa sopa, que nada lhes custa. No convento da Visitação em Belem, e do Bom Successo vereis o mesmo; no Varatojo e S. Bernardino, apesar da pobreza d'esta casa, ainda o mesmo; etc., etc., etc.

«Aqui não ha bilhete, nem requerimento, nem empenhos; dá-se a quem se apresenta.

«E' forçoso dizer aqui estas verdades, que de muitos são ignoradas, para que veja o mundo quão injustos são os homens, quando invectivam contra as ordens religiosas, e lhes armam traições; ou ainda mesmo aquelles, que acreditam quanto contra ellas escreve a especulação jornalistica; especulação tanto mais desleal e torpe, quanto sómente serve para desmoralisar o povo, para o indispôr contra corporações benemeritas, e para o prejudicar nos seus interesses, vendendo-lhe cara a mentira.

«Dito isto, para prestar homenagem a quem tão bem serve a Deus e ao proximo, tornando assim mais abundantes os fructos da caridade n'esta nossa archidiocese e suffraganeas, esperamos agora, na crise assustadora que nos ameaça, que não deixarão as corporações religiosas de prestar generosamente todo o seu concurso, apoio e auxilio, na medida das suas forças, inspirando se todas no amor e caridade de Nosso Senhor Jesus Christo e seus santos fundadores».

Palestras familiares

«*A crença nos mysterios repugna á razão humana*». — Esta asserção equivale a est'outra: «creio só aquillo que entendo». Vejamos aonde póde levar-nos tão nescio modo de pensar. E' de saber-se que nem só a religião tem mysterios: a natureza tem tambem os seus. A aranha tece com inimitavel artificio a sua teia; a abelha fabrica o seu favo; as aves construem seus ninhos. Dizei-me: quem ensinou estes pequeninos seres a trabalhar com tanta perfeição e delicados primores? mysterios da natureza... Não o comprehendemos; e, no entanto, acreditamos todos, pois se trata de factos evidentes, que todos presenceamos.

O astronomo assegura que o sol dista da terra mais de vinte e cinco milhões de leguas. O nescio não acredita, e contesta-lhe: «Quem é que sabe isso? quem mediu já a distancia? quem fez a longa viagem do sol á terra?...» O sabio sorri, e volve-lhe em resposta: «Insensato, que só crês n'aquillo que a tua razão alcança!»

Ora, quando Deus nos falla, quando se digna revelar-nos a sua palavra, não será incomparavelmente mais insensato negar-lhe credito? Por ventura não saberá Deus mais do que nós? não entenderá mais do que nós? «Oh! exclama Santo Agostinho, admittamos que possa Deus mais alguma coisa do que o pouco que abarca a nossa limitada intelligencia». Pois tudo que Deus sabe e nós não sabemos, tudo que Deus póde e nós não podemos, tudo que Deus comprehende e nós não comprehendemos, são para nós outros tantos mysterios.

Apresentae a um cego de nascimento um formoso painel, dae-lhe que com suas proprias mãos o apalpe; sem duvida vos affirmará que é uma tela perfeitamente liza. Se lhe disserdes que alli vêdes casas, montanhas, arvores e animaes, parecer-lhe-ha impossivel, porque não entende o que sejam as côres nem a pintura. E' para elle *um mysterio*; não seria insensato se não acreditasse? E é mysterio, porque lhe falta a elle o orgão adequado para vêr e, por meio da vista, comprehender. Pois tambem nós, a respeito de muitas verdades divinas, sômos cegos de nascimento; não vêmos perfeitamente as coisas de Deus, e só como que em espelho ou enigma, na phrase bem expressiva do Apostolo. Aguardemos que venha o dia em que nos seja dado vêr rosto a rosto, sem obstaculo; até lá acreditemos com submissão de espirito e de intelligencia, como acreditamos nos mysterios da natureza, que pelo facto de serem vulgares não deixam de ser incomprehensiveis.

Advirta-se porém que, se é verdade que os mysterios são superiores á razão, não lhe são de modo algum contrarios nem oppostos. São incomprehensiveis para nós, mas não o são para Deus, cuja intelligencia infinita tudo alcança e tudo comprehende.

Nem se diga que a fé rebaixa e avilta a razão, pois que, pelo contrario, muito a nobilita e exalta, proporcionando-lhe o conhecimento de verdades que, sem ella, lhe ficariam occultas, e auxiliando-a no conhecimento d'outras, nas quaes, sem o seu auxilio, nunca poderia ter absoluta e irrefragavel certeza. A fé é para a intelligencia o que o telescopio é para a vista do corpo: faz-nos vêr mais longe, e com mais clareza e precisão.

Uma religião sem mysterios é uma religião *nulla* e impossivel, porque é uma religião sem Deus. Porquanto, Deus é o maior e o mais incomprehensivel de todos os mysterios, pois é infinito, eterno e omnisciente, immenso e todo poderoso, sendo ao mesmo tempo simplicissimo.

Quem se atreverá a rejeitar os mysterios?

Santo Protector para o mez de novembro

S. Carlos Borromeu, Bispo e Confessor. — Foi um dos maiores luminares do seu seculo. Desde muito joven, fôram lhe commettidos cargos de muita responsabilidade na Curia Romana, para onde foi chamado ainda antes de sua ordenação. Em tudo se houve a completo contento do Summo Pontifice, que depositava n'elle absoluta confiança, não dispensando o seu prudente conselho, sempre que se tratasse de negocio de importancia para o bom governo da Egreja. Nomeado Arcebispo de Milão, envidou todos os esforços de que é capaz um ardentissimo zêlo de Apostolo, a fim de extirpar abusos e reformar os costumes, principalmente nos membros do clero, que viviam d'um modo que muito escandalisava as boas almas.

Ao seu zêlo se deve em boa parte o bello re-

sultado do Concilio de Trento, no qual foi uma das figuras mais prestigiosas, e cujas determinações procurou fazer cumprir á risca em sua diocese.

Virtude a imitar

O zêlo. — E' uma das virtudes que mais agradam a Deus, pois por ella nos tornamos seus cooperadores na conversão das almas. E quantas occasiões de exercital-a! Um bom aviso dado opportunamente, um conselho, uma reprehensão mesmo, se para isso temos auctoridade, um bom exemplo, a affabilidade e bons modos no tratar com o proximo, — taes são, entre muitos outros, os modos mais frequentes de exercitar o zêlo. Feliz de nós, n'este e no outro mundo, se fôrmos repletos de zêlo e ardor pela salvação das almas.

Absolvição geral

1 — Festa de Todos os Santos.

25 — Festa de Santa Catharina, virgem e martyr.

Indulgencias a lucrar

Plenarias:

1 — No dia 12, S. Diogo, confessor da 1.ª O.

2 — No dia 16, S. Ignez d'Assis, virgem da 2.ª Ordem.

3 — No dia 19, S. Izabel de Hungria, viuva da 3.ª Ordem.

4 — No dia 26, S. Leonardo de Porto Mauricio, confessor da 1.ª Ordem.

5 — No dia 28, S. Thiago da Marca, confessor da 1.ª Ordem.

6 — No dia 29, festa de todos os Santos da Ordem Seraphica.

Parciaes:

1 — Em cada dia do mez, 300 dias de indulgencias.

2 — Nos dias 3, 10, 17, 24, cem dias de indulgencias.

3 — Nos dias 4, 5, 11, 12, 18, 19, 25, 26, — 198 annos e outras tantas quarentenas.

4 — No dia 12, S. Diogo; 16, S. Ignez; 19, S. Izabel de Hungria; 26, S. Leonardo de Porto Mauricio; 28, S. Thiago da Marca; 29, festa de todos os Santos da Ordem Seraphica, 256 annos e 50 quarentenas.

Para lucrar estas indulgencias requer-se a visita d'uma egreja franciscana, ou d'outra qualquer ordem mendicante, e que se rezem ahi tres *Padre Nossos*, tres *Ave Marias* e tres *Gloria Patri*, em honra da SS. Trindade.

— O SS. Padre o Papa Leão XIII, no intuito de afervorar os fieis na caridade para com as almas do Purgatorio, concedeu a todos elles d'ambos os sexos, que assistissem aos exercicios pios e devotos, que em muitos logares é costume fazer-se em suffragio das mesmas almas, as indulgencias seguintes: 1.ª indulgencia de *sete annos* e *outras tantas quarentenas*, em cada dia do mez de novembro, dedicado ás almas do Purgatorio. 2.ª indulgencia plenaria, em qualquer dia do dito mez, á escolha dos fieis, com tanto que n'esse dia se confessem, communguem, e visitem uma egreja ou oratorio publico e orem ahi pela intenção de Sua Santidade; estas indulgencias são applicaveis ás almas do Purgatorio, por concessão do mesmo Summo Pontifice.

Além de todas estas indulgencias pódem os Irmãos Terceiros lucrar mais as seguintes:

Uma plenaria em qualquer dia do mez á sua escolha; outra no dia da reunião mensal nas condições ordinarias: outra *plenaria* na hora da morte, invocando o *SS. Nome de Jesus* com a bocca, e, não podendo assim, invocando-o só mentalmente; mais uma nos dias acima notados em que se dá a absolvição geral; igual indulgencia ganha quem rezar cinco vezes o *Padre Nosso*, *Ave Maria* *Gloria Patri* pela liberdade da Egreja; finalmente tantas indulgencias plenarias, quantas as vezes que rezarem a *Estação do SS. Sacramento*, isto é seis *Padre Nossos*, seis *Ave Marias* e seis *Gloria Patri* com todas as mais indulgencias de Roma, Logares Santos, Assis e Compostella.

As indulgencias que são concedidas sob condição de que se visite uma egreja franciscana, pódem lucrar-se, onde não houver taes egrejas, visitando a egreja onde está erecta a respectiva fraternidade, ou, na falta d'ella, a egreja parochial.

Por ultimo, conheçam os Irmãos Terceiros que tanto estas indulgencias como qualquer outra obra meritoria, podem ser applicadas pelas almas do Purgatorio. Aconselha-se pois, que não omittam um tão bello acto de caridade em favor de almas tão queridas de Deus.

Pensamentos

Sem humildade não é possivel conservar perfeição alguma.

S. Boaventura.

A preguiça é a chave da pobreza.

Rodrigues Bastos.

A perseguição é quasi sempre o prenuncio d'uma grandeza vindoura ou o peristylo d'uma grandeza passada; prepara-a, ou consumma-a.

P.e Lacordaire.

Esse que mostra altaneiro
Só pundonor sem virtude
Como bolsa sem dinheiro,
Farçante e não cavalheiro,
Representa, não illude.

ANECDOTAS

Conta Petrarca que em certa occasião perguntou um mercador a um marinheiro:

— Onde morreu teu pae?
— No mar.
— E teu avô?
— No mar.
— E teu bisavô?
— Senhor, tambem morreu no mar.
— Infeliz, disse o mercador, e não te bastam esses exemplos? E ainda te atreves a andar embarcado.

Calou-se o marinheiro; reflexionou alguns momentos, e disse depois ao mercador.
— E onde morreu o seu pae?
— Na cama.
— E seu avô?
— Na cama?
— E seu bisavô?
— Na cama.
— Como! disse então o marinheiro; não lhe bastam esses exemplos? E atreve-se a deitar-se na cama todas as noites?

Perguntando um juiz porque iam mais homens do que mulheres para as prisões, respondeu:
— E' que vão mais mulheres do que homens ás egrejas.

Leituras amenas

JOÃO CIDADE

I

DEANTE de uma pobre casinha de Montemór-o-Novo estavam sentados n'um banco de pedra uma mulher e um menino. Em seus modestos vestidos sem difficuldade se reconhecia que pertenciam á classe popular. O rosto da mulher revelava admiravel doçura, o do menino grande intelligencia.

— Meu filho, dizia a mãe, acabas de completar nove annos; já és conhecido por tua piedade; continúa sendo a alegria e amparo de teu pae, que precisa bem de consolação, e trabalha muito. Só descança nos dias festivos, e todas as suas delicias são a sua Thereza e o seu João.

— Sêde em socego, minha mãe; nunca terá motivo de queixa contra mim.

— Escuta, meu filho; tu és um pouco leviano; tudo o que é novo te parece magnifico: é preciso desconfiar d'essa inclinação.

— Sim, minha mãe, disse o menino em tom humilde.

E, mudando repentinamente de vóz e de physionomia, bateu as palmas exclamando:
— Alli vem meu pae!

E correu ao encontro de André Cidade, que vinha acompanhado de um viajante.

André era homem de pouco mais de cincoenta annos, muito lhano e affavel. Tomou João em seus braços, deu-lhe um osculo na face, e disse sorrindo para o forasteiro:

— Quando vejo este pequenino, afigura-se-me que tenho deante o divino Jesus! E a minha Thereza é tão pura, tão meiga, tão carinhosa!...

E dizendo isto, André havia chegado á porta de sua casa. Apertou a mão de Thereza, e acrescentou:

— Mulher, trago-te um viajante que encontrei no caminho; offereci-lhe hospitalidade por esta noite; tens alguma coisa que dar-nos de cear?

— Meu caro André, farei com que nosso hospede fique satisfeito.

E, dirigindo-se ao desconhecido: quereis, disse, emquanto vos preparo a ceia, descançar n'este banco? Nosso filho vos fará companhia.

— Da melhor vontade, senhora. E entregava juntamente a Thereza um pequeno fardo, que levava.

A tarde d'aquelle dia estava magnifica, encantadora; o sol começava a mergulhar-se na orla dourada do horisonte.

O forasteiro, que vinha fatigado da longa jornada, deixou-se caír sobre o banco, contemplando a paisagem encantadora que se lhe apresentava deante. João, com certo medo a principio, atreveu-se a perguntar:

— Vindes de muito longe?

— Sim; venho de bem longe. Percorri todo Portugal e vou para Hespanha.

— Pelo que vejo, a vossa vida é andar sempre?

— Pouco menos, negoceio em pannos de lã e em sêdas; como minha fortuna é pequena, vejo-me obrigado a tratar por mim mesmo da maior parte de meus negocios, a ir ás feiras mais concorridas; e não poucas vezes durmo ao relento.

João abriu muito seus grandes olhos.

— Oh! disse: eu preferiria o vosso modo de vida ao de meu pae. Lavrar sempre o mesmo campo, podar sempre as mesmas arvores, não é lá muito divertido. Mas vêr continuamente novas terras, isso deve alegrar o coração.

— Que dirias tu se tivesses a dita de conhecer Madrid; Madrid, minha cidade predilecta, para onde vou agora? Alli é que agrada viver. Alli estão os mais nobres potentados, as mais bellas senhoras da Hespanha, o rei, a rainha, os fidalgos... Não se vêem pelas ruas senão liteiras e mulas ricamente ajaezadas. As casas luxuosamente mobiladas, e as egrejas... oh! as egrejas!...

— As egrejas?! repetiu o menino, que mal respirava, — tão avidamente escutava o que lhe diziam.

— Sim; as egrejas de Madrid, replicou o hespanhol, são superiores ás de todo mundo: o ouro, a prata, as pedras preciosas em todos os altares; os sacerdotes revestem-se de capas brilhantes; as vozes dos cantores deixam-se ouvir com tanta pureza, que a multidão se crê transportada ao paraizo. Mas para que fallar do que não has de conhecer nunca?... Mas, João... que tens...

— Eu?... balbuciou o menino; não tenho nada.

— Estás tão triste?

— Não, não; eu...

Thereza veio, sem o saber, livrar seu filho de um grande embaraço, annunciando que estava posta a ceia. João esteve quasi mudo, e, contra seu costume, com pouco appetite. A noite, em vez de a passar em profundo somno, passou-a dando voltas na cama, sem poder mesmo fechar os olhos. Visões continuas lhe punham deante as egrejas e os palacios de Madrid; sua cabeça era toda fogo; seu coração batia violentamente. Não pensava já nos ternos cuidados, que seus paes lhe haviam prodigalisado até então, na vida tranquilla, que levava em Montemór. Uma ardente e insaciavel curiosidade riscava-lhe da memoria tantas ternuras e carinhos.

No dia seguinte, ao amanhecer, o mercador pôz-se a caminho, depois de haver dado affectuosamente os agradecimentos a quem de tão bom grado lhe havia proporcionado hospedagem. Um pensamento culpavel se tinha apoderado do espirito de João; pensamento que foi o começo da longa cadeia de soffrimentos, por que havia de passar. Pensara, que seguindo de longe os passos do forasteiro, poderia chegar a Madrid. Não calculando então nem a distancia, nem a falta absoluta de dinheiro, nem a desolação em que ía deixar sua familia, saíu de casa, e tomou a mesma direcção, que o mercador, percorrendo assim muitas milhas quasi sem parar.

André Cidade e Thereza não se inquietaram a principio, porque suppunham que João haveria ido, segundo tinha de costume, para casa de um tio, que morava no outro extremo de Montemór. Todavia, passadas algumas horas, vendo que não voltava, inquietaram-se vivamente. André correu a casa de seu irmão, e gritou de longe:

— Onde está João?

— Teu filho? disse o tio, ainda o não vi hoje.

André, já fóra de si, correu precipitadamente a casa para tomar conselho com sua mulher. Muitos dias se passaram em infructiferas pesquizas, e foi preciso que André voltasse só, com o coração angustiado.

Quando um dia á noite chegou á porta de sua casa, deteve-se um momento. Triste mensageiro, não podia decidir-se a annunciar más novas. Por fim chamou, e disse: «Sou eu!» Ficou espantado não ouvindo a voz de Thereza, que de ordinario saudava seu regresso com tanta alegria. E todavia não estava ausente, porque um raio de luz brilhava atravéz das fendas d'uma janella. Uma mulher já velha veio abrir. O rosto d'esta mulher annunciava tal afflicção, que André não pôde reprimir um grito de espanto. Entrou precipitadamente, e viu sua pobre Thereza estendida no leito, victima d'uma febre intensa. André com os olhos reçumando lagrimas, inclinou-se por sobre a enferma e pronunciou com voz triste o nome de Thereza. Ella apenas respondeu com um profundo suspiro, estendendo-lhe a mão, que elle cobriu de beijos e de lagrimas.

Passados que fôram alguns instantes, a doente murmurou estas palavras:

— E's tu, André? tu aqui, só!...

— Sim, disse com voz amortecida; todas as pesquizas fôram baldadas. João abandou-nos. Não nos amava!... Elle a quem tinhamos tanto amor. Não penses mais n'esse ingrato, e recobra a saude.

— André, teus votos são inuteis; o mal, que padeço, ha de levar-me á sepultura.

— Thereza!... Ser-me-has arrebatada?!... Sem ti, sem meu filho, que farei eu n'esta terra?

— Vou a dizer-t'o; porém sê em socêgo, tem mais valôr; teus suspiros pertur-

bam-me.—Escuta, André, escuta bem: Deus fallou-me; dignou-se enviar-me o Anjo da Guarda de nosso filho, que me exhortou a ser paciente, e a não murmurar. Elle me tranquillisou sobre a sorte de nosso filho. João deve passar por grandes provações, que affirmarão sua virtude.

— Thereza, isso é um sonho... é effeito de uma vertigem...

— Não, André; não; eu não dormia, quando o céo me descobriu o porvir. Attende-me: quando eu já não existir, quando descançar em minha ultima jazida, distribue aos pobres o que possuimos, e consagra-te ao serviço de Deus na Ordem de S. Francisco.

— Seguirei teu conselho, eu t'o prometto.

— Graças, Senhor, que morro satisfeita, porque estou assegurada da sorte dos entes que mais amava. Adéus, André; até á vista... lá em cima...

E expirou.

II

João, seguindo sempre de longe os passos do mercador ambulante, havia chegado a Castella; o cansaço prostrava-o: alimentado pela caridade publica, mal conseguia um boccado de pão negro, e vira-se na necessidade de pernoitar nos caminhos, exposto ás inclemencias do tempo. Quantas vezes se não lembraria dos ternos cuidados de Thereza? Quantas se lhe não representaria a figura de seus paes accusando-o de ingratidão?!... A' medida que se ia alongando, seu pensamento voava até á casa paterna. Comprehendeu até que ponto é debil um menino, quando lhe falta a protecção de sua familia; mas uma especie de temor, de vergonha, o continha. Proseguia sempre, não já por satisfazer seus desejos de viajar, mas porque não se atrevia a voltar atraz. Era talvez necessario que a vontade de Deus se cumprisse, essa vontade que Thereza havia conhecido em sua visão.

Havia chegado a Oropesa, quando se viu obrigado a parar. Faminto, falto de recursos, sentou-se a chorar sobre uma pedra. Deixou caír a cabeça entre as mãos, e entregou-se a amargas reflexões.

Uma voz o livrou d'esta profunda meditçaão. Ergueu os olhos, e viu um maioral de gado, que o chamava.

— Que fazes ahi? perguntou-lhe o homem.

João referiu francamente sua aventura sem procurar desculpar-se.

O maioral reflexionou um momento, e disse depois:

— Fizeste muito mal em abandonar tua familia; pensa na dôr que lhe causaste. Eu, que amo ternamente a minha filha, a minha Maria, ficaria inconsolavel se ella me faltasse. Mas, já que o mal está feito, dêmos-lhe remedio. Quando algum viajante de minha confiança fôr a Portugal, encarregal-o-hei de levar noticias tuas a teus paes. Entretanto, como é mistér que vivas honradamente, e não vagabundo, se queres guardar um de meus rebanhos, tratar-te-hei bem, á fé de Gonzalez.

O menino deu-se pressa em acceitar.

Por espaço de muitos annos exerceu João este rude officio. Sempre só e em presença da natureza, sentia elevar-se sua alma, e sua intelligencia se engrandecia. Pensava amiude em André e Thereza; sua esperança mais fagueira era tornar a vêl-os um dia. Com o auxilio de um frade que ia algumas vezes a sua cabana, aprendeu a lêr, e, graças á bibliotheca do convento d'este bom religioso, pôde utilisar para sua instrucção as largas horas, que passava no campo. A's graças da infancia haviam succedido n'elle as forças da adolescencia. Seu corpo havia-se desenvolvido, e seu rosto tomava um caracter viril. Gonzalez, satisfeito de sua excellente conducta, e dando o devido aprêço a sua viva intelligencia, pôl-o á frente de seus rebanhos. A administração de João foi tão boa, que ao cabo de pouco tempo a fortuna do maioral tinha augmentado consideravelmente.

Um dia Gonzalez convidou a João a seguil-o ao seu quintal onde lhe disse:

— Estou contente de teus serviços; tens sido um servo fiel; quero recompensar-te dignamente, dando-te a mão de minha filha Maria; os seus bens serão teus. Estou velho, e preciso de muito descanço; serei pois feliz, vendo minha filha unida a um homem honrado, e ao mesmo tempo proporcionando-te um bem estar que talvez nunca chegasses a conseguir com teu trabalho.

Em vez de acolher com alegria tão brilhante offerecimento, João ficou triste e pensativo.

— Não me atrevo a alegrar-me de vossa generosidade, porque sou indigno d'ella. Que fiz eu para merecer a prenda mais ca-

ra que tendes? Cumpri apenas o meu dever. Se um pobre joven como eu aspirasse a uma rica alliança não se poderia accusar de obedecer a um calculo interesseiro? De mais uma voz secreta me diz que não devo pensar em casar. Minha liberdade não me pertence, não tenho direito de dispôr d'ella.

— Reflectirás melhor, tornou Gonzalez com benevolencia; ámanhã darás a resposta decisiva.

Durante a noite João, retirado á sua habitação, ajoelhou diante de uma imagem da Santissima Virgem, unico adorno d'aquelle modesto asylo. Sua oração foi larga e fervente. Quando se levantou, sentiu-se mais forte e tranquillo.

— Não, disse a sós comsigo, não abusarei da generosidade de Gonzalez; talvez se viesse a arrepender mais tarde. Entrei pobre em sua casa, e pobre sairei. Não sei para onde guia Deus meus passos, mas o coração diz-me que minhas provações não findaram ainda, que não expiei bem as faltas, que tenho commettido.

Tomou logo a resolução de se furtar á occasião de dar qualquer explicação a Gonzalez. Ainda o sol não era nado, saíu da casa de seu bemfeitor, retirando-se apressadamente.

Levava uma hora de caminho, quando um pensamento lhe illuminou o espirito. O horrivel phantasma da miseria appareceu á sua vista como um espectro medonho. João comprehendeu a necessidade de abraçar uma nova profissão, ou de pôr-se ao serviço d'algum outro maioral; o que, porém, mais desejava era saír logo d'aquella terra, não o levasse de novo a necessidade a casa de Gonzalez.

Quando entrou em Oropesa, viu uma companhia de soldados, que occupava a praça principal, e ahi faziam exercicio. João acercou-se a vêr as manobras. O official, que não tinha completa a companhia, pensou em fazer acquisição d'aquelle joven, que promettia ser um soldado valente e vigoroso. Chamou-o, e perguntou-lhe se queria inscrever-se nos terços de Carlos V.

— Tão certo como eu chamar-me Rodrigo, disse, que ganharás honra e proveito seguindo a nossa bandeira, porque vamos ao sitio de Fonterrabia, na fronteira de França.

Alguns dos soldados, que conheciam a João Cidade e sabiam o favor de que gozava com o maioral, riram-se da proposta do capitão, mas qual não foi a sua surpreza quando ouviram a João dizer com gravidade que acceitava a proposta de Rodrigo? Immediatamente vestiu a farda. Estava ao serviço do rei.

A vida dos acampamentos era então turbulenta e dissipada; a maior parte dos voluntarios, de que se compunha o exercito, haviam empenhado a liberdade por um pouco de ouro; eram geralmente vagabundos, estudantes pobres, lacaios sem serviço, ou aventureiros, como os *raitres* allemães, ou os *condottieri* italianos, gente sem vergonha, tão perigosa para alliados, como para inimigos; insolentes na victoria como timidos no ataque. Lançado ao meio d'esta soldadesca desenfreada, João não podia subtraír-se á influencia perniciosa de seus maus exemplos. Sem imitar suas infames acções, sem manchar seus labios com as mesmas blasphemias, não se atrevia, assim mesmo, a entregar-se publicamente ás praticas da religião. Envergonhava-se de ser homem de bem, e não se envergonharia de ser assassino. Bem depressa o proceder de seus camaradas passou a não lhe causar grande horror. N'este turbilhão em que era levado, não ousava interrogar-se sobre o estado de sua alma. Alguns passos mais, e caíria no abysmo. Uma circumstancia tão funesta como feliz, veio livral-o do perigo.

A companhia carecia de viveres: João, como era o mais novo, foi enviado a buscal-os ao povo visinho; ia montado n'um cavallo recentemente apanhado aos francezes. O animal reconhecendo de longe sua antiga morada quiz voltar para lá; mas o cavalleiro resistiu. O cavallo enfureceu-se então de tal sorte que João foi cuspido sobre um montão de pedras, ficando sem sentidos. A dôr fêl-o voltar a si, mas foi para lhe mostrar novo perigo. O acampamento francez estava tão perto que João podia ouvir os passos das sentinellas. Tremia, não fôsse visto do inimigo, porque meio morto, como estava, ninguem o levaria, e uma lançada era o bastante para pôr termo á sua vida; como fugir a um perigo tão imminente, não podendo sequer dar um passo?

N'aquelle momento a fé inundou-o com seus raios; lembrou-se de que a melhor protecção vinha do céo e que, á falta dos homens, só Deus o podia soccorrer. Dirigiu pois uma fervorosa oração á Santa Virgem.

Mal a havia terminado, já as forças lhe voltavam milagrosamente, e podia chegar ás trincheiras hespanholas. A alguns passos d'alli sua constancia foi posta á prova. Tinham-lhe confiado a guarda d'alguns mantimentos que deviam ser distribuidos pelos soldados. Alguns ladrões apoderaram-se da maior parte d'este deposito. João foi accusado de estar em connivencia com os bandidos. Desde então entregue ao desprezo de seus chefes, e ao odio de seus camaradas, e não podendo, apesar de todos os esforços, lavar-se de tal mancha, acabou por abandonar o exercito.

Os passos errantes de João Cidade levaram-n'o de novo a Oropesa. Sua chegada foi motivo de grande satisfação para Gonzalez, que o abraçou ternamente, e lhe renovou antigas promessas.

— O tempo não me fez mudar, disse este bom homem; ainda estou disposto a dar-te minha filha, com todos os meus bens; reflecte maduramente; em vez de fugir como um insensato.

— Porque me tentaes com tanta generosidade? replicou tristemente João. Não comprehendeis que eu não sou destinado na terra para gozar do repouso, que dão as riquezas? Seja qual fôr o meu destino, vi que ainda não se cumpriu. Ha em mim vagos presentimentos, que me agitam, e que não sei explicar. Meu caro amo, se aqui voltei, foi para vos tornar a vêr, e nunca para ser vosso herdeiro.

Contou ao maioral as circumstancias, que se haviam dado na sua partida e depois ajuntou:

— O rei de Hespanha vae fazer guerra aos turcos de Hungria. Embora tenha motivos para estar descontente do serviço militar, não obstante irei como voluntario nas fileiras dos soldados de Christo. Parece-me que, combatendo contra os inimigos de nossa santa fé, me purificarei de minhas culpas. Assim como as lutas entre christãos são odiosas, assim é altamente louvavel derramar o sangue em defeza da Egreja.

— Vae, pois, filho, respondeu o maioral; é o céo que chama por ti. Todos os interesses se devem calar perante tal empreza. Sómente te advirto que, se alguma vez voltares á Hespanha, saibas que Gonzalez te receberá com alegria debaixo de seu tecto.

— O que mais me custa, disse João, é não ter podido abraçar novamente a meus paes. Muitas vezes tenho pedido aos viajantes que lhes levem cartas minhas; mas não recebi sequer uma unica resposta... E' preciso que eu dê uma volta por Montemór. Se escapar dos perigos d'esta guerra, o meu primeiro cuidado será ir visitar os logares onde nasci, e abraçar esses seres queridos, que sem duvida me aguardam impacientes.

— Encontral-os-ás? disse Gonzalez, movendo tristemente a cabeça.

— Oh! não me inspireis essa duvida cruel!... Quebrantarieis todo o meu valor.

(Continúa).

CULTO DE S. ANTONIO

ALMANACH DE SANTO ANTONIO PARA 1900

Está no prelo. Insere numerosos artigos moraes e doutrinaes, poesias religiosas de auctores contemporaneos e fallecidos, lendas e historias religiosas, casos divertidos, anecdotas, pensamentos, curiosidades várias, etc. Este anno é illustrado com numerosas gravuras, muitas feitas de proposito para o almanach.

Deve saír á luz antes do fim do anno. Desde já se acceitam encommendas, as quaes pedimos venham acompanhadas da respectiva importancia.

Constará de mais de 200 paginas.

Preço (incluindo o porte do correio) 250 rs. Para o estrangeiro accresce o excesso no porte do correio.

Novos membros da Pia União. — Fôram inscriptos até 18 de Outubro:

Patriarchado		2
Lisboa	2	
Arcebispado de Braga		165
Braga	1	
Guimarães	4	
Santo Amaro	12	
S. Martinho de Campos	3	
Villa Nova de Famalição	4	
S Thomé d'Abação	1	
Farêja	3	
Tagilde	8	
Guardizella	15	
S. Torquato	3	
S. Vicente de Oleiros	4	
Mondim de Basto	9	

S. Claudio	4	
Santa Maria d'Airão	16	
S. Bento de Donim	9	
S. Clemente de Sande	5	
S. João de Brito	15	
S. Miguel de Creixomil	1	
Mogege	8	
S. Miguel de Gonça	6	
Nine	34	
Diocese do Porto		242
Porto	123	
Gaya	45	
Amarante	1	
Felgueiras	17	
Penafiel	2	
Juqueiros	7	
Gondár	5	
S. Verissimo	7	
S. Jorge de Vizella	9	
S. Pedro de Roriz	5	
S. Salvador de Campo	5	
Irivo	9	
Guilhufe	2	
Ermezinde	5	
Diocese de Coimbra		10
Coimbra	4	
Arganil	6	
Diocese de Vizeu		16
Vizeu	15	
Castro Daire	1	
Diocese da Guarda		6
Cortiçó da Serra	6	
Estrangeiro (Brazil)		6
Rio de Janeiro	6	
Associados do numero passado	131:842	
Total dos associados	132:287	

BRAGA

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Meu S. Antoninho. — Agradeço-vos de toda a minha alma o milagre que me fizestes. Volto de novo á vossa divina protecção, pedindo-vos com toda a fé, que a minha crente religião confessa, o milagre de fazerdes com que meu marido abandone por completo o mau viver que tem, que o deslustra e lhe condemna a alma. Dae-me, meu Santinho, paz com elle e indicae-lhe o bom caminho. Dou-vos 100 réis para o Pão dos vossos pobresinhos e perdoae-me por não vos poder dar mais.— *Uma vossa devota, C.*

— Glorioso S. Antonio. — Aqui me apresento diante de vós para satisfazer a minha promessa. Peço-vos me perdoeis a falta que tive em a satisfazer. Bem sabeis que já a tinha de parte desde a occasião competente ; foi só falta de resolução em vos dirigir estas duas palavras. Agradeço-vos de todo o coração o favor que durante este anno me fizestes ; que tudo corra bem como nos antecedentes. Não vos esqueçaes de me alcançardes de Nosso Senhor, que sempre assim seja, que eu nunca me esquecerei da promessa que vos fiz. O que vae acima do costume é por algumas miudezas. Ajudae-me não me desampareis. — *M. F.*

S. Antonio bemdito e milagroso. — Venho agradecer-vos dois beneficios que eu vos pedi e vós me fizestes : um foi a paz de uma familia numerosa, toda em revolução. S. Antonio, bemdito sejaes ; outro foi o bom resultado de um negocio. S. Antonio, todos conheçam o grande poder que tendes junto do throno de Deus. Peço-vos mais um favor, e é de me livrar meu irmão da vida militar. Por quem sois vos peço este beneficio e pelo amor de Jesus e Maria.

— Quatro esmolas enviadas a Santo Antonio por graças obtidas. 1.ª Um membro da Pia União, tendo sido roubado, prometteu a S. Antonio 500 rs. se lhe apparecesse sequer algum dinheiro do qual se achava falto. Como effectivamente lhe appareceu algum, envia a determinada quantia. 2.ª Um membro da Pia União, vendo seu pae doente, prometteu 200 réis se elle por intercessão sua o melhorasse. Como o glorioso Santo lhe obteve esta graça, apressa-se a cumprir o que prometteu. 3.ª Um membro da Pia União, vendo-se bastante incommodado, prometteu a S. Antonio a esmola de 500 réis se esses incommodos lhe desapparecessem. Como obteve a saude desejada, envia a referida esmola. 4.ª Um outro membro da Pia União, tendo perdido um objecto de ouro, prometteu a S. Antonio a esmola de 100 réis se o dito objecto lhe apparecesse. Como S. Antonio dos milagres lhe fez o pedido, lhe envia a mencionada quantia. — *Concelho d'Amarante.*

— Agradeço-vos, milagroso Santo Antonio, a graça que me concedestes de eu ficar distincto em meu primeiro exame Tudo me correu o melhor possivel. Creio que a razão de tudo me correr bem sómente por um milagre vosso se póde explicar. Peço-vos, milagroso S. Antonio, que continueis a conceder-me as graças que necessito para a vida e para a eternidade, e vos remetto 500 réis para o Pão dos vossos pobresinhos. Peço para que seja publicada esta graça na *Voz de S. Antonio.*

—... Snr. Remetto a quantia de 4$200 réis para o Pão de S. Antonio para fazer a caridade de mandar deitar no cofre de S. Antonio e de mandar publicar no proximo numero da *Voz de S. Antonio.* Este dinheiro é offerecido por Maria da Conceição Fernandes, e por José Lourenço, ambos d'esta freguezia de Arega. — De V. etc.... *J. M. M.*

—.... Snr. Rogo a fineza de publicar uma graça particular, recebida de S. Antonio, que eu prometti publicar, promettendo tambem tres pães aos pobresinhos, recebida a mesma graça. — Sou de V. etc.... *J. L.* — Cezimbra 24 de setembro de 1898.

TORRES VEDRAS

Vae prosperando a *Obra do Pão de Santo Antonio.* De maio até ao corrente mez tem-se feito mensalmente a distribuição de cem pães de kylo, a pobres de varias localidades. Costuma ir um religioso do visinho Convento de Varatojo, que celebra Missa no altar do Santo, e faz uma pratica allusiva ao acto, á qual se segue a distribuição do pão.

Entre outras cartas dando *graças a Santo Antonio*, ha a seguinte :

Meu glorioso Santo Antonio. — Eu vos agradeço a graça que alcançastes de Jesus e Maria, de me serem perdoadas duas dividas que tanto cuidado me davam por não poder pagal-as. Eu vos agradecerei o melhor que me seja possivel, sa-

tisfazendo o que vos prometti; não vos esqueçaes de mim com vossa protecção, que eu nunca me esquecerei do vos invocar. — *A. S.*

Os cofres do Pão dos Pobres de Santo Antonio

Braga. — Durante o mez de setembro réis 177$105, e juntamente uma libra em ouro.— Mais fôram recebidas e levadas ao seu destino as seguintes quantias: Th. de Jesus Ferreira (Estrada) 1$500; — Padre J. R. Ascenso 500; — Missionario A. Cesar do C. e Mattos (Timor) 8$000; — Prior J. da S. Guerreiro (Silves) 4$900, etc.

Vianna do Castello. — Em julho:

Rendimento da caixa	14$100
Producto da venda d'um alfinete d'ouro	4$000
Entregue pelo Rev.º Padre M. B.....	2$200
De R. F. B. por mão do Snr. Couto Vianna.....	10$000
Entregue pelo Snr. A. M. Arezes.....	2$000
	32$800

Pão distribuido 300 brôas.

Em agosto:

Rendimento da caixa.....	9$100
Esmola de Coimbra.....	1$500

Pão distribuido 240 brôas.

Encontraram-se algumas cartas de petição.

Recommendações especiaes

A cura d'um enfermo.

Duas necessidades espirituaes de alta importancia.

Uma empreza para honra de Santo Antonio.

A paz no seio d'uma familia.

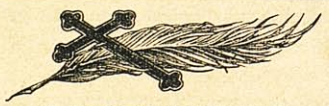
A prosperidade d'uma familia religiosa.

A extincção da epidemia que actualmente grassa no Porto.

Os nossos missionarios da Beira (Africa Oriental.) (1)

As Ordens e Congregações religiosas em Portugal.

E, em geral, todas as petições depositadas nos nossos centros da Pia União e Pão de Santo Antonio.



OS NOSSOS DEFUNTOS

Pie Jesu, Domine,
Dona eis requiem.
Amen.

R. PADRE FR. JOAQUIM DA PURIFICAÇÃO

(Traços auto-biographicos)

Eu Fr. Joaquim da Purificação, no seculo porém Joaquim Manoel Correia da Silva, filho legitimo de José Evangelista Correia da Silva e de Francisca Thereza Correia da Silva, nasci aos 20 de janeiro de 1808 na rua dos Pelames da freguezia de S. Thiago da cidade de Braga, onde fui baptisado no dia 21 do mesmo mez e anno; e sendo ainda menino passaram meus Paes para a sua casa da rua de S. Barnabé, freguezia de S. Victor da mesma cidade, onde residiram constantemente até á morte.

Tendo eu de idade dezeseis annos, nove mezes e oito dias, havendo frequentado já latim 4 annos, parti de Braga no dia 28 de outubro de 1824 para o convento de S. Francisco da cidade de Lisboa, onde pela prenda d'organista fui admittido no Noviciado em novembro do mesmo anno, e professei em novembro de 1825. Depois em outubro de 1826 fui admittido no Collegio de Philosophia, que se abriu no mesmo dito convento, e passados tres annos de frequencia n'esta faculdade, fiz opposição para seguir a vida lectiva e ficando approvado passei pora o collegio de Theologia; no 2.º anno do qual taes questões se suscitaram na Ordem, isto é na provincia, que obrigaram o Snr. Nuncio, como Geral então da Ordem, de combinação com El-Rei o Snr. D. Miguel I, (que Deus tenha a Sua vista) a nomear Visitador Geral e Reformador dos Menores Observantes da Provincia de Portugal ao nosso carissimo Ir. Fr. Bernardino da Virgem Santissima, Religioso d'este Seminario de S. Antonio de Varatojo: por cujo motivo desgostando-me eu, e intimamente convencido de que tal reforma era impossivel com os frades então existentes, (1) e que o remedio seria criar em separado gente nova, tocado emfim d'uma especial graça e uzando o Senhor singularmente para comigo de suas grandes misericordias, resolvi não continuar a viver em Provincia tão relaxada, e guiado pelo Divino Espirito Santo me apressei a fallar ao mesmo Reformador, patenteando-lhe meus sentimentos, e fazendo-lhe vêr o miseravel estado de relaxação em que se achava a Provincia, e as grandes difficuldades e quasi impossibilidade sobre tal intento de reforma, e quando muito conseguiria apenas uma reforma externa e apparente, e só por algum tempo! Por cuja razão pedi a transferencia e passagem para convento reformado, onde eu podesse sel-o exterior e interiormente.

A esta minha franca exposição e pedido gostosamente annuiu o mesmo Reformador, e de combinação com o Guardião do Seminario de N. Senhora da Piedade de Mezão-frio, Fr. Francisco de Santa Anna, que de bom grado me acceitou, me passou uma patente, pela qual me desligava da Provincia, e me sujeitava ao Guardião do dito Seminario de Mezão-frio. Preparei-me pois logo para a longa jornada, e a pé e sem real, entregne á Providencia (que me não faltou!) parti de Lisboa a 8 de março de 1831, sendo então Diacono, e entrei no dito Seminario a 28, segunda-feira da Semana Santa, onde acompanhei a orgão os Officios e funcções d'essa mesma Semana, e préguei a

(1) O *Novo Mensageiro*, no Calendario especial para os membros do *Apostolado da Oração*, propunha esta, como intenção particular, no dia 4 de outubro. O Divino Coração de Jesus se digne recompensar centuplicadamente esta obra de caridade.

(1) Ninguem desconhece o grau de relaxação a que infelizmente, haviam descido as instituições monasticas em Portugal. Essa relaxação, se não justifica o proceder de quem criminosamente supprimiu taes instituições, explica, no entanto, sufficientemente os motivos por que a Providencia permittiu tão duro castigo.

N. da R.

Rev.º Padre Fr. Joaquim da Purificação

Resurreição no domingo seguinte, cantando tambem Missa nova com Breve no dia de N. Senhora da Piedade, Padroeira do Seminario, que cahiu na 2.ª Dominga de outubro, dia 9 e do mesmo anno de 1831.

Permaneci no sobredito Seminario desde 8 de março de 1831 até a meiado da Semana Santa de 1834, época em que as tropas de D. Pedro rompendo as linhas do Porto, e avançando para as provincias do Norte, embora uma brigada realista se lhes oppozesse em um combate, que teve logar nas proximidades da Lixa, ellas comtudo vencedoras passaram já sem opposição a ponte de Amarante ; o que constando em Mezão-frio a maior parte dos Religiosos desampararam o convento, e fugiram cada um para onde pôde. Eu atravessei o Douro (rio), e me demorei alguns dias nas proximidades de Lamego na esperança de que as tropas realistas fariam ainda recuar os rebeldes; porém quando vi que estes entravam triumphantes em Lamego, cuidei em me salvar, adiantando-me até Fataunços, onde me demorei, estando hospedado em casa da familia do Ir. Fr. Bernardino da Virgem Santissima, até vespera de S. Antonio, e n'essa mesma vespera recolhi-me por ordem do Guardião (que então era Fr. Miguel da Soledade) a Mezão-frio, onde apenas cheguei, fui inhibido pela auctoridade civil d'entrar no Seminario, e fui hospedado em casa do Syndico, permanecendo ahi alguns mezes, mas constrangido logo a largar o Santo habito ! !...

Emfim em dezembro d'esse mesmo anno de 1834 retirei para Braga para casa de meus paes, onde pouco depois, por instigação do parocho intruso da mesma freguezia de S. Victor fui suspenso por ordem d'outro intruso, que se dizia Vigario Capitular ; mas como tal suspensão não tinha raiz para poder pegar, fui celebrando sempre, ainda que occultamente, *propter metum judæorum*. E logo que pela Concordata com a Santa Sé as coisas da Egreja se compozeram, me entreguei ao exercicio da Prégação, coadjuvando tambem o meu bom amigo Padre Joaquim José Alvares de Moura nas Missões, que se fizeram em Margaride, Senhora da Apparecida perto de Louzada, Penafiel, Fervença, Guimarães, S. João da Ponte entre Guimarães e Braga, e outras muitas, além dos muitos sermões de festa ou penitencia, para que era em particular convidado e pela competente esmola : até que já cansado, e não me obrigando a necessidade fiz ponto, e apenas por devoção prégava (porém raras vezes) um ou outro sermão. Finalmente havia já uns 2 annos, que eu tinha feito ponto em prégar, quando na quaresma de 1872 se apresentaram em Braga a fazer Missão os II. Fr. Joaquim do Espirito Santo Guardião e Fr. Antonio do Presepio, e tocando-me Deus me resolvi a deixar tudo, e vir em sua companhia para este Seminario de Varatojo, onde entrei no dia 21 de março do dito anno de 1872; e com ajuda de Deus aqui me tenho conservado. Agora porém que os correios da morte me vão annunciando a approximação do ultimo dia, e que talvez me veja d'ella repentinamente assaltado sem dar logar, nem occasião ás humildes supplicas e declarações precisas a fazer ; por isso declaro primeiramente que nada possuo, nem tenho coisa de que deva dispôr nem em vida, nem na morte, pois de tudo o que tinha, me desfiz, e dispuz em tempo competente, depois do que nada quero para o uso das coisas indispensaveis á conservação da vida, senão o que fôr da vontade de meu Superior conceder-me, e a quem protesto humildemente obedecer, contentando me só com o que lhe aprouver conceder-me. E desde já peço ao que *pro tempore* o fôr, me conceda por caridade um pobre habito para mortalha de meu corpo.

E finalmente convencido intimamente de minhas innumeraveis faltas e culpas, humildemente supplico a todos os PP. e II. pelo amor de Deus, me perdôem todo e qualquer aggravo, que de mim hajam recebido ; e a todos em geral e a cada um em particular cordealmente agradeço o amor fraternal e Caridade Religiosa, com que sempre me trataram assim na saude, como na doença, soffrendo sempre, e desculpando com tanta caridade meus muitos defeitos, de que a Deus e a todos peço perdão ; e rogo que pelo Divino Amor continuem depois da minha morte a lembrar se na presença de Deus da minha alma com os suffragios do costume e alguma obra mais de supererogação por especial favor e esmola, segunda a boa vontade, zêlo e amor de cada um para com este pobre peccador, que vive na firme persuasão, que será uma grande e especial misericordia do Senhor fazer penar no Purgatorio ainda mesmo até findar o mundo, a quem por tantas e innumeraveis ingratidões, infidelidades e peccados, com justa razão mereceria uma eternidade de penas !.. E ainda que as mesmas penas do Purgatorio me hajam de ser duradouras, com tudo confiadamente espero, que todos os Carissimos Irmãos contribuirão com o soccorro de suas fervorosas orações, para que ellas se me tornem menos duras e mais leves. Permitta o mesmo Senhor, que um dia nos vejamos todos no céo para exaltar de continuo as Misericordias do Senhor, e o Patrocinio e poderoso Valimento da Mãe do mesmo Deus.

Ainda mais, peço por caridade ao Prelado, que então fôr, que logo que seja possivel, solicite para aqui a trasladação dos meus ossos, a fim de que nem a mesma morte seja capaz de separar-me de meus Carissimos Irmãos, que em vida tão boa companhia me fizeram.

Deixo incluso um papel á parte para clareza, do que se deve fazer a respeito das muitas Irmandades a que pertenço ; para que se não retardem os suffragios correspondentes.

Sejam meus especiaes Advogados e Defensores na hora da minha morte, Jesus, Maria e José, os Principes S. Miguel, S. Gabriel e S. Raphael, os Paes da SS. Virgem S. Joaquim e Santa Anna, os Apostolos S. Pedro e S. Paulo, o N. S. P. S. Francisco, S. Domingos, Santa Clara, Santa Thereza de Jesus, S. João da Cruz, Santo Antonio de Lisboa, S. Bernardino de Sena, todos em companhia do meu Anjo da Guarda.

Varatojo 20 de julho de 1882.

Fr. Joaquim da Purificação.

*

Como se vê estas linhas fôram escriptas ha 17 annos, quando o nosso saudoso extincto já antevia o approximar da morte, que ainda vinha tão longe. N'este longo periodo teve elle a consolação de vêr surgir das ruinas muitos conventos de sua Ordem, e de vêr restaurada canonicamente a provincia Seraphica de Portugal.

N'essa restauração coube-lhe a elle o cargo de *Definidor*. Já anteriormente fôra Guardião do Convento de Varatojo, e Superior do Collegio de S. Bernardino. Em 1890, quando se abriu o Collegio de S. Boaventura, em Braga, coube ainda a Fr. Joaquim o encargo de o governar nos primeiros mezes de fundação, para o que muito lhe valeu a geral sympathia de que merecidamente gozava na cidade de Braga e em toda a provincia do Minho.

Em 1895 esteve perigosamente enfermo, chegando mesmo a receber os ultimos Sacramentos. Mal convalescendo d'aquella enfermidade, teve de deixar de celebrar, não se levantando mesmo do leito senão raras vezes, e vivendo sempre soffrendo mais ou menos.

Falleceu no dia 20 de outubro, confortado com todos os soccorros da religião. Ao seu funeral, que se realisou no dia seguinte, correu numeroso concurso de povo e algumas irmandades das muitas (perto de trinta) a que o finado pertencia.

A todas as pessoas que, ou individual ou collectivamente, se dignaram assistir aos officios funebres e acompanhar o corpo do nosso querido irmão á sua ultima pousada, ou que de qualquer modo nos quizeram mostrar o seu sentimento, os nossos agradecimentos e eterna gratidão.

A todos pedimos uma fervorosa prece pelo eterno descanço d'aquelle que, na vida, foi para nós exemplo tão completo de virtudes christãs e religiosas.

Fr. Joaquim do Menino Jesus da Ordem dos Frades Menores

Confortado com todos os soccorros da Religião, falleceu no convento de Varatojo, no dia 6 do corrente mez d'outubro, pelas 3 e meia horas da tarde. Tinha 56 annos de idade. Recebeu o habito religioso no dia 29 de janeiro de 1874, fez a sua profissão de votos simples no dia 30 de janeiro de 1875 e a de votos solemnes no dia 1 de fevereiro de 1878.

Era filho legitimo de José Nunes e de Thereza de Jesus, da freguezia do Villar, termo do Cadaval.

Viveu sempre como religioso verdadeiramente observante e exemplar.

Paz á sua alma.

Maria d'Assumpção Pires (Vinhaes) associada da Pia União.

Padre Anselmo Furniss (Weybridg, Inglaterra) assignante da *Voz de S. Antonio*.

R. I. P.

Nota. — Têem direito a recommendar n'este logar as suas intenções ou as almas de pessoas de sua obrigação todos os nossos assignantes, os membros da Pia União e os Irmãos da V. Ordem Terceira. A recommendação far-se-á mediante pedido ou simples notificação feita a esta redacção pela pessoa interessada.

ESTRANGEIRO

Escrevem alguns jornaes :

«O Santo Padre remetteu ao Padre Erkenswick uma reliquia de Santo Antonio de Padua, fazendo o religioso entrega d'ella á egreja de S. Dionisio de Hauthorne em Chicago.

«Os fieis mandaram fazer um magnifico relicario, que foi benzido ha pouco.

«A exposição das reliquias durou muitos dias, attrahindo milhares de fieis a Chicago, cidade que já conta mais de 400:000 catholicos romanos.»

Brazil (Porto Alegre). — Recebemos do *Boletim do Pão de Santo Antonio*, os numeros 16, 17, 18 e 19, publicado pelo nosso illustrado e muito querido amigo, snr. Conego Marcellino Bittencourt. Não podemos resistir ao desejo de transcrever algumas passagens, relativas ao movimento geral da obra no 4.º anno de sua existencia (1 de agosto de 1898 a 31 de julho de 1899).

A receita, incluindo o saldo do anno passado foi de 38:363$418 réis ; a despeza 40:113$700, inclindo a verba de 32:500$000, preço do terreno, edificações e bemfeitorias de que se fez acquisição para fundação d'um *Abrigo* em que se recebam familias pobres, proporcionando-lhe assim habitações sádias, hygienicas, e, tanto quanto possivel, espaçosas e commodas.

Deduzida esta verba, diz o *Boletim*, ficou a somma total da despeza em 7:613$700 réis.

«Na avultada somma da receita se acha incluida a subvenção Municipal de 10:000$000 réis do passado e corrente exercicio ; idem Estadoal de 135$000 mensaes ; de 2·320$000 do snr. dr. Carlos Bordini ; de 1:000$000 do Commendador Thomaz Larangeira ; 500$000 da exc.ma snr.a D. Maria José de Sá Dornelles e as demais publicadas semanalmente.

«Comparemos o progresso ascendente :

A receita do primeiro anno já foi de.	1:026$620
A despeza	734$240
Saldo.....	292$380
2.º Anno	
Receita...	9:170$660
Despeza.....	4:523$400
Saldo.....	4:647$260
3.º Anno	
Receita.....	16:369$330
Despeza.....	6:520$760
Saldo.....	9:848$570

«Na receita do 4.º anno estão incluidos os seguintes juros das quantias depositadas, só agora escripturadas :

Na Caixa Economica.....	390$000
No Banco da Provincia.....	430$000
No » do Commercio.....	240$000
prefazendo a somma de...	1:024$000

«Quando effectuamos a compra do terreno retiramos dos Bancos e da Caixa Economica..... 21:810$000
que tinhamos em deposito e recebemos 5:000$000
da subvenção Municipal do corrente exercicio, mandada entregar promptamente pelo muito digno snr. Dr. Intendente.»

A média da despeza mensal oscilla entre 500$000 réis a 800$000 réis.

«Durante os quatro annos, deduzidos os saldos vê-se que foi a receita de..... . 50:141$448 a despeza de..... 19:391$500

«Fechamos o relatorio do anno passado com 120 familias com alguns individuos; hoje temos 132 familias soccorridas.

«Durante o anno distribuimos 30:100 pães, que com os 48:852 dos annos anteriores, prefazem 78:952, sendo o pão branco de primeira qualidade

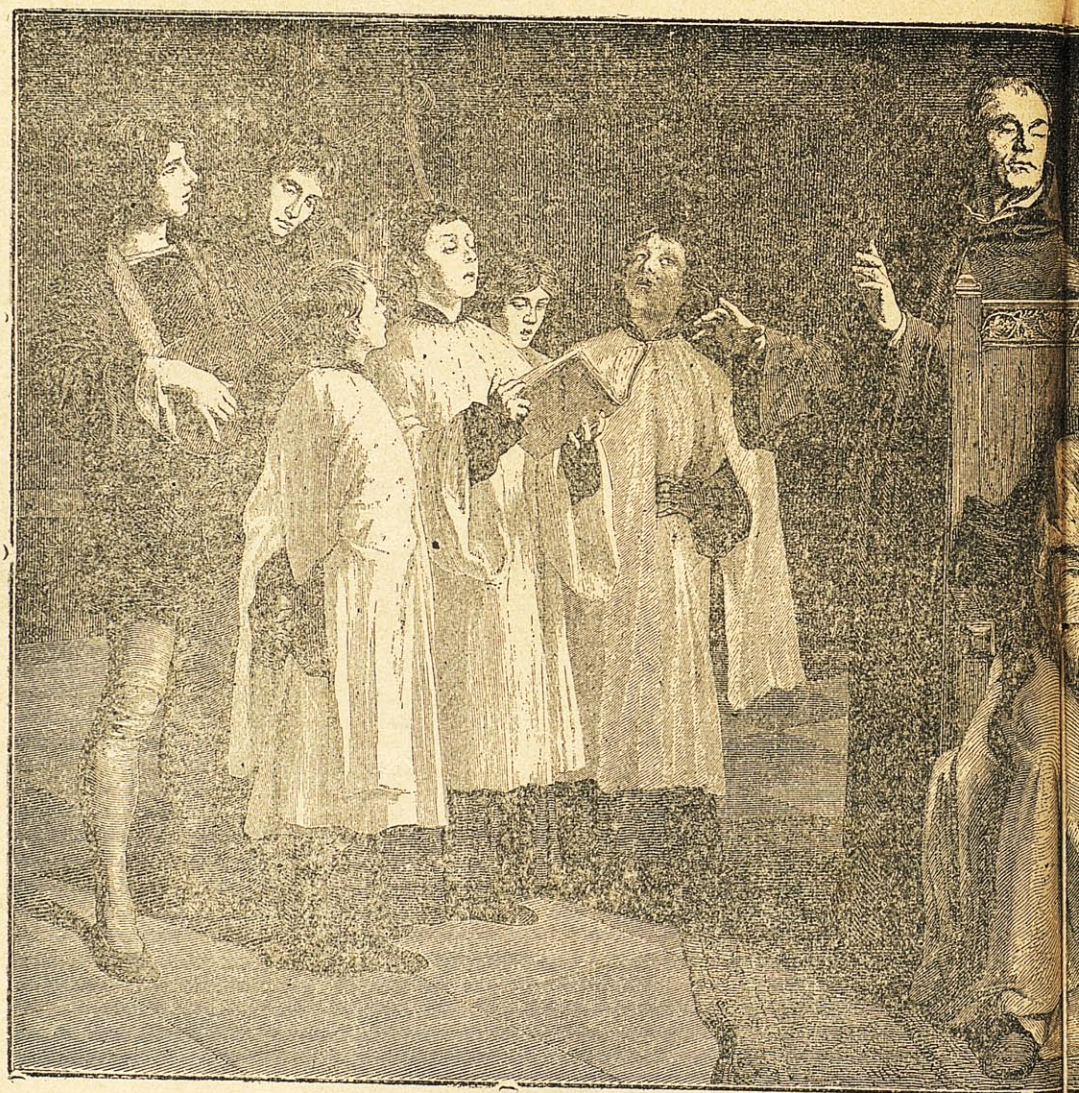
«Distribuimos mais duas barricas de pão torrado, offerecidas pelo snr. Miguel Leite; uma dita pelos snrs. Lomba, Ferreira & Cruz e duas pelos snrs. Fonseca Irmão & C.ª, que deram um bom exemplo.

«Além dos tres dias designados: terça, quinta e sabbado de cada semana, em alguns outros tem sido distribuido pão, em cumprimento de votos, commemoração de anniversarios e em fórma de suffragio. A rouparia tem distribuido 96 peças de roupa nova, que com as 652 dos annos anteriores, prefazem 748. 61 pares de calçado offerecidos pela Companhia «Progresso Industrial» que com os 89 ditos dos dous annos anteriores, e os 34 offerecidos pela fabrica dos snrs. Moutier & Barros, n'este anno, prefazem 121.

«Roupas servidas distribuimos 220 peças, que com as 1479 dos annos anteriores montam a 1681, que representam uma boa somma.

«O auxilio a titulo de aluguer de casa que o anno passado foi de 2:135$000 réis e o atrazado de 1:268$000, subiu este anno a reis 3:182$000.»

Como vêem os nossos leitores, é isto tão surprehendente, tão humanamente inexplicavel, que

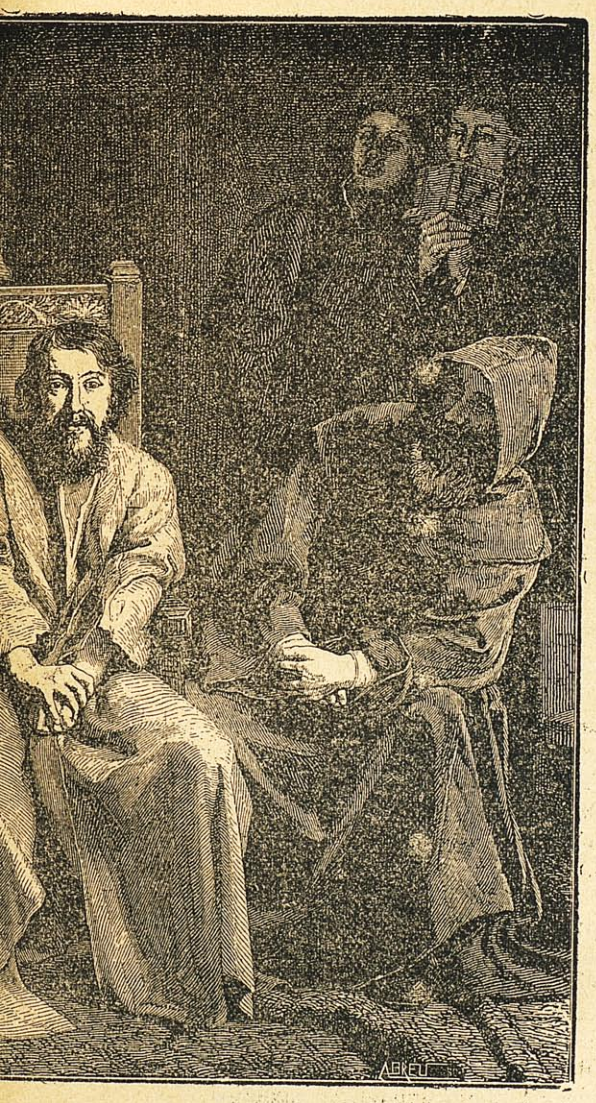


A LOUCURA DE HUGO VANDER GOES

não podemos deixar de vêr aqui a intervenção maravilhosa da Providencia. Quantas lagrimas enchugadas, quantas miserias minoradas, quantas chagas cicatrizadas não representa este extraordinario movimento!

Gloria a Santo Antonio, que assim continúa sendo o amigo sincero e dedicado da humanidade que soffre!

Ao snr. conego Bittencourt um caloroso *avante*, e um bravo sincero e do fundo do coração pelos resultados colhidos até hoje. Podesse a nossa obra topar com muitas iniciativas energicas e devotadas como a de S. Exc.ª, com muitos apostolos animados do mesmo zêlo que a S. Exc.ª inflamma!...



S. Paulo.— Do numero 18 do mesmo *Boletim* extractamos a seguinte carta:

São Paulo, 12 de junho de 1899.
Vespera do Nosso Grande S. Antonio

Meu Collega e Am.º Snr. Conego Bittencourt,

Ha 9 mezes, mais ou menos, que tive o prazer de receber a sua carta, datada de 9 de setembro de 1898, em resposta a uma que eu havia escripto a V. Rev.ma sobre a devoção do Pão de Santo Antonio.

Animado por suas caridosas expressões e tambem por insistencia de pessoas de minha familia, que nutrem desde a infancia muita devoção a Santo Antonio, de Qnem téem já recebido muitas graças e favores, resolvi, com o auxilio e protecção d'esse caridoso Amigo da pobreza, inaugurar em minha parochia o Pão dos pobres de Santo Antonio e o fiz no dia 2 de outubro do anno passado.

Em boa hora tomei essa santa resolução, porque, n'este pequeno espaço de tempo, tenho já conseguido distribuir ás terças-feiras de cada semana 35 pães de 200 réis e algumas esmolas aos pobres e de então em diante a distribuição será feita tambem aos sabbados.

Espero poder fazer ainda maior beneficio aos pobres por meio d'essa caridosa devoção, porque tenho felizmente encontrado muito boa vontade da parte dos fieis e devotos d'esse Incomparavel Amigo dos que soffrem.

Agradecendo pois de coração á V. Rev.ma as expressões animadoras, que teve a bondade de me dirigir na carta supra referida, peço permissão para transcrever do Relatorio, que V. Rev.ma publicou em 1897, a trezena e mais alguns escriptos no Relatorio, que pretendo publicar no dia 2 de Outubro d'este anno, primeiro anniversario da installação canonica do Pão de Santo Antonio n'esta parochia.

Certo de conseguir o meu desejo, faço já a V. Rev.ma os meus agradecimentos e peço instantemente a V. Rev.ma que em suas orações não se esqueça de

Seu Collega e Amigo em J. C.

Conego Antonio José Pinheiro.

Secção Scientifico-Litteraria

Questões Juridicas sobre a Ordem Terceira

É com frequencia que chegam até nós consultas, pedidos etc. sobre a Ordem Terceira de S. Francisco, rogando-nos que elucidemos um ou outro ponto em que, pela força das circumstancias, se não tenha attentado até agora,

ou que possa offerecer duvidas sobre a sua justa interpretação. Para utilidade de todos, por conseguinte, resolvemos recorrer á publicação da verdadeira doutrina sobre este assumpto, fundados nos decretos da Santa Sé, bullas dos Romanos Pontifices e decisões das Sagradas Congregações. Os Romanos Pontifices conhecedores, pela experiencia, dos optimos fructos espirituaes, e mesmo sociaes, que por toda a parte acompanham os estabelecimentos da Ordem Terceira, tem recorrido a todos os meios que convenham á sua maior diffusão. Entre elles occupa, sem duvida, logar preeminente o que actualmente preside aos destinos da Egreja Universal, o Santo Padre Leão XIII. Como tantas vezes havemos dito, e demonstrado, não cessa de instar para que as Ordens Terceiras, outr'ora tão florescentes, readquiram a sua primitiva vitalidade, e trabalhem na regeneração social, com os poderosissimos meios de que dispõem.

E' por isso que os Romanos Pontifices, a fim de que a acção da Ordem Terceira seja mais proficua, e não possa por ninguem, ainda mesmo sob a capa de zêlo, ou de maiores interesses religiosos, ser entravada ou diminuida a sua efficacia, cumularam a Ordem Terceira de graças e privilegios que, á primeira vista, parecerão exagerados, mas que são reaes e necessarios, para o fim que se pretende obter.

E' assim que, entre outros, os Romanos Pontifices Bento XIII e Leão XIII declararam haver enorme differença entre a Ordem Terceira e qualquer outra instituição congenere, seja ella confraria, irmandade etc. Que esta é uma verdadeira *Ordem Religiosa*, e não uma simples associação etc. O Papa Bento XIII assim se exprime, na sua Constituição de 10 de dezembro de 1725, que começa: *Paterna Sedis Apostolicæ*, Nós, (diz Bento XIII) *eumdem sanctum meritorium et christianæ perfectioni conformem, nec non* VERUM ET PROPRIUM ORDINEM.... A QUACUMQUE CONFRATERNITATE OMNIÑO DISTINCTUM, *utpote quia sub propria Regula*, etc.

E o actual Summo Pontifice Leão XIII, na audiencia de 7 de julho de 1883, respondendo á erronea interpretação que muitos haviam dado á obra de Sua Santidade, na reforma da antiga Regra da Ordem Terceira, proferiu as seguintes palavras textuaes que julgamos aqui reproduzir: *Aliqui existimarunt* post recentem Constitutionem *Misericors Dei Filius* (30 de maio 1883) Tertium Ordinem ad simplicem confraternitatem et sodalitium fuisse revocatum. TALIS NON EST NOSTRA MENS, sed, uti declaravimus, ejusdem Instituti natura ac essentia perseverant, et non simplex Congregatio, sed VERUS ORDO REMANET.

D'aqui resultam para a Ordem Terceira os seus grandes privilegios e isenções. Desde o momento que, segundo as declarações e vontade dos Soberanos Pontifices, a Ordem Terceira não é uma simples confraria ou irmandade, tem, naturalmente, legislação especial, diversa d'aquella por que se regem, em geral, as demais instituições; legislação, que, como vamos vêr, é posta igualmente pelos Romanos Pontifices, e pela qual a Ordem Terceira se rege em toda a parte.

Notando-se ainda que, no nosso paiz, onde vigora o beneplacito regio, a Ordem Terceira está á sombra do mesmo, pois é *officialmente* reconhecida em toda a terra portugueza, com a sua Regra e com os seus compromissos ou estatutos especiaes que correspondem tambem ás exigencias do codigo civil.

A Ordem Terceira e os seus irmãos defuntos

Levantar e acompanhar a cadaver — officio e missa — enterro.

PRINCIPIOS. 1.° A Ordem Terceira é *uma Ordem Verdadeira* (Leão XIII e Bento XIII, supracitados) logo

2.° as suas egrejas gozam dos privilegios concedidos ás egrejas dos regulares, excepto d'aquelles que expressamente lhe são vedados. Requer-se, porém, que a egreja seja realmente propriedade da Ordem Terceira, e não basta que ella simplesmente alli funccione por emprestimo, costume etc. Bem como se requer que estas Ordens Terceiras tenham existencia canonica.

3.° O facto de terem sido supprimidas civilmente as Ordens Regulares, em nada prejudica a Ordem Terceira, que nem civilmente nem canonicamente foi supprimida, nem derogados os seus privilegios em geral, mas unicamente *alguns* em especial pela nova reforma de Leão XIII.

Os privilegios, com força de lei, concedidos ás Ordens Terceiras, quanto aos

seus irmãos defuntos, não só não fôram derogados, mas antes confirmados e acclarados pelos Romanos Pontifices até ao actualmente reinante, o Santo Padre Leão XIII.

Temos decisões claras, a este respeito, das Congregações Romanas, não só de épocas mais remotas, mas ainda dos annos de 1887 e 1893.

Servir-nos-á de guia, n'este assumpto, entre outros, a preciosa collecção *Acta S. Sedis*, cuja auctoridade por todos é reconhecida, podendo consultar-se, principalmente o vol. XIII, pag. 416 e seg. e o vol. XX, pag. 100 e seg.

Igualmente póde vêr-se a *Nouvelle Revue Théologique*, vol. XXV, pag. 370.

Postos estes principios, dizemos: fallecendo um irmão da Ordem Terceira, que por declaração propria, ou desejo de seus parentes, determinar o acompanhamento dos irmãos da Congregação da Ordem Terceira a que pertence, e que na egreja da Ordem se lhe façam officios, missa, etc., compete a essa dita Congregação da Ordem Terceira o seguinte:

1.º Levantar o cadaver, *com assistencia do parocho*, e acompanhal-o até á egreja da Ordem.

2.º Se o parocho *recusar* comparecer, podem os irmãos, convidar outro sacerdote. — Decreto da Sagr. Congr. dos Bispos e Regulares, 11 de dezembro de 1615. Veja-se Bizzarri pag. 273, ad 4.º

3.º Deposto o cadaver na egreja da Ordem Terceira, com a intervenção do parocho, téem direito os irmãos da Ordem a celebrar o officio e missa de corpo presente, *sem intervenção ou assistencia* do parocho. — Decreto da S. C. dos Bisp. e Reg. 18 de março de 1887. E, quanto ao que diz respeito a celebrar missas nas egrejas da Ordem Terceira, *tam pro vivis quam pro defunctis*, sem intervenção do parocho, já consta claramente, além de outras decisões, do decreto assás conhecido *Urbis et Orbis* de 30 de Dezembro de 1703.

4.º O acompanhamento do cadaver da egreja da Ord. Terc. para o cemiterio, pertence igualmente á Ordem Terceira, sem intervenção do parocho. Consta do decreto supracitado de 18 de março de 1887, e de outro da mesma Sagr. Congr. de 1893. (Nouv. Rev. Theol. loc. cit.)

No caso, porém, do cadaver ser transportado directamente do logar do obito para o cemiterio, compete ao parocho acompanhar o cadaver até á sepultura.

Esta differença no acompanhamento do cadaver pelo parocho até ao cemiterio, ou sómente até á egreja da Ordem Terceira, provém de duas razões, que julgamos todos conhecem: a primeira é que, entre os direitos do parocho sobre os seus defunctos, está comprehendido e expresso no Rit. Rom. o de acompanhar o cadaver até á porta da egreja onde deve fazer-se a sepultura do cadaver: *usque ad januam ecclesiae tumulantis*.

A segunda razão é que por *ecclesia tumulantis* entendem todos os juristas aquella egreja onde é depositado o cadaver, para a celebração dos officios etc., e onde, antes da lei civil vigente, eram sepultados os mesmos cadaveres.

O facto da lei civil ter prohibido os enterros nas egrejas, e creado os cemiterios, em nada prejudica a lei canonica já existente.

A lei civil da creação dos cemiterios apenas mudou *materialmente* o logar da sepultura, e nada mais.

Serão, estas determinações da Santa Sé, prejudiciaes aos direitos dos parochos? Crêmos que não, como verêmos em seguida. Notando-se que tudo quanto aqui deixamos exposto nada é nosso, mas unicamente deduzido dos decretos apostolicos. Nem será preciso dizer que tudo fica sujeito a melhor juizo ou a mais segura interpretação.

(Continua).

ECCE MATER!

Bemdita a Virgem Senhora,
Causa da nossa alegria;
Bemdita a Virgem Maria,
A quem não se invoca em vão!
E' manancial da graça,
E' mui rica e poderosa.
E' clemente e generosa,
Incapaz de dizer: NÃO!

E' nossa Mãe carinhosa,
Tem p'ra nós muita ternura,
Jámais alguem a procura
Que não prove o seu amor;
De «Mãe do amor attractivo»
E' para si nome honroso,
E' titulo glorioso
E attributo de louvor.

A Virgem Immaculada
E' «Mãe do temor divino;»
Ah! quem teve o desatino
De o peccado commetter,
Invoque esta Mãe bemdita,
Peça-lhe misericordia,
Que Ella facil a concordia
Com Jesus póde fazer.

Tambem Ella nossas penus
E miserias bem conhece,
E benigna se offerece
A nol-as remediar.
Virgem, «fonte da sciencia»,
De luz clarissimo jôrro,
Vem dar-nos prompto soccorro,
Aos teus filhos vem salvar.

Em ti fixamos os olhos,
Tristes, afflictos, chorosos,
De Eva os filhos desditosos,
Do seu crime tambem réos!
Nova Eva reparadora,
Tu és «a nossa esperança»,
Não se frustre a confiança
De te gozarmos nos Céos.

A graça de toda a vida,
Da verdade e da virtude.
E a melhor solicitude
Encontra-se em tua mão.
Virgem, do Senhor dilecta,
Creatura a mais mimosa,
Sê para nós dadivosa,
Dá-nos tua protecção.

Ouvimos o teu convite:
«Vinde á mim!» — e nós corremos
E os dôces fructos colhemos
Que tua alma nos produz,
Fructos ao mel excedendo
Na sua suavidade,
Fructos de honra e honestidade,
A que todos temos jus.

Todos, sim, temos direito
A seus maternaes regalos;
Todos sômos seus vassallos:
Seja justo ou peccador,
Ninguem lhe é indifferente,
E' Mãe, que sempre acarinha,
E' munifica rainha,
E' séde do puro amor.

Salve, Mãe! Salve, Rainha!
De tua ineffavel gloria
Celebrem grata memoria
Os seculos sem findar!
Salve, bemdita Senhora!
Cante o universo á porfia
Que todo o que em ti confia,
Não tem de que se humilhar!

Porto, 22—IX—99

C. ILLIDIO COSTA.

BIBLIOGRAPHIA

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MISSÃO DO PADRE E CONTROVERSIA A PROPOSITO DO ENSINO RELIGIOSO NOS LYCEUS, *por Joaquim Luiz d'Assumpção, bacharel em Theologia e bacharel formado em Direito e professor no Semtnario Episcopal do Porto. Com approvação da auctoridade ecclesiastica.* — O livro comprehende os seguintes capitulos:

O padre e os tempos actuaes; O padre e as tendencias atheistas das sciencias; A acção social do padre; Critica do manifesto da Academia do Porto contra o ensino religioso nos Lyceus; O dogma e a intelligencia; A Biblia e a sciencia; Os sabios catholicos e as sciencias experimentaes; O ensino religioso e as sciencias; O ensino religioso e a moral; A fé e a moral da sciencia; O segundo manifesto da academia.

Os tres primeiros são discursos recitados na abertura das aulas no Seminario Episcopal do Porto. Os restantes capitulos são de polemica religiosa.

Vê-se pois que é um livro de flagrante actualidade, muito util e a proposito para as circumstancias presentes da religião em Portugrl.

O valor d'este predicado avulta sobremaneira se attendermos á competencia e profundeza com que o illustrado auctor versa a materia: muita clareza, alliada a uma notavel elevação de conceitos; erudição vasta, profundo estudo da sociedade actual e conhecimento completo das necessidades religiosas e sociaes da nossa patria.

O livro (de 143 pag., bom papel e excellente impressão) custa apenas 120 réis, facto bastante phenomenal na vida da imprensa religiosa em Portugal.

A' venda em todas as livrarias.

«MARICIELO» *por Aurora Lista. Folhetim da «Revista Popular» de Barcellona (Hespanha).* — E' uma graciosa novella, formando um volume de 100 pag., illustradas com numerosas gravuras. *Maricielo* é o nome pittoresco d'uma formosa donzella, a quem a Providencia dispensou largamente os dotes de espirito, de coração e de corpo, em compensação das crueis desventuras e infortunios com que a sorte a perseguiu desde o berço: era filha d'um justiçado e sua mãe, após o seu nascimento, passou uma vida corrupta e devassa. *Maricielo* é requestada por um mancebo nobre e rico, filho da senhora que a recebera em sua casa, a criára e educára. Ignora as peripecias do mysterioso drama em que andaram envolvidos seus progenitores; não sabe mesmo quem seja seu pae e sua mãe. A principio recusa sua mão ao joven que a sollicitava. Instada, porém, acaba por acceder. Mas informada da sua verdadeira condição e de seu pae e mãe, foge horrorisada d'aquella casa, recusando unir seu nome, para sempre ignominiado, ao da nobre e honrada familia que a recebera. Entra n'um convento. Sua mãe e o seu promettido exigem judicialmente a sua saida. Ao ser-lhe intimada a determinação da auctoridade, *Maricielo* recusa ainda; instada vivamente e ameaçada com a fora, elevanta o véu que lhe occultava o rosto, e deixa vêr este completamente desfigurado e feito uma chaga viva: servira-se de azeite fervente

para apagar em si até os vestigios d'aquella formosura, que inspirára um amor que a impediria de ser esposa de Jesus Christo.

O livro vende-se na *Calle del Pino 5, Barcelona (Hespanha).*

BIBLIOTECA ANTIMASONICA—LOS SECRETOS DE LA MASONERIA, *sus palabras, toques, señales, formas de darlas y fines que persigue; por Perez y Delgado.—Cuarta edicion notablemente corregida e aumentada.*—O titulo é suggestivo e de molde a despertar viva curiosidade. E devo confessar que o conteúdo satisfaz essa curiosidade, pois encerra o livro um sem n umero de noticias e esclarecimentos relativos á infame seita dos filhos da viuva. Analysa os fins e natureza da maçonaria; descreve minuciosamente os diversos gráus maçonicos, a maçonaria das mulheres, a origem da maçonaria, condemnações ecclesiasticas da maçonaria, etc.; falla em modo particular do grande oriente iberico, traz um curioso e utilissimo diccionario dos termos e expressões em uso nas lojas, uma tabua das palavras sagradas, abreviaturas mais usuaes na maçonaria, lista dos mações do grande oriente iberico, (lá apparece tambem a loja «Centro da Paz», em Lisboa, Douradores, 135, 4.º) etc.

Um pequenino volume de 173 pag., á venda em *Sevilla, imprensa dos snrs. Izquierdo & C.ª*, e na administração dos periodicos *Diario de Sevilla e Correo de Andalucia.*

O PADRE PAROCHIANDO, RESANDO E CELEBRANDO.—*Breves reflexões dedicadas aos jovens sacerdotes por José Victorino Pinto de Carvalho, Reitor de Mancellos.* — Um livrinho bem pequeno no formato (114 pag., apenas) mas de altissimo valor pela doutrina que encerra. Em tres capitulos, já insinuados no titulo da obra, expõe o auctor com grande clareza e precisão, e até com bastante erudição, as obrigações que incumbem ao sacerdote como *Parocho*, e como representante da Egreja na *recitação do officio divino* e *celebração do Augusto Sacrificio da Missa.*

Em tão pouco espaço não era possivel dizer mais, nem seria facil dizer-se melhor. Bem seria para desejar que este pequenino manual fôsse dia e noite manuseado pelos membros do nosso clero. Recommendamol-o, na convicção de que a obra o merece. Custa apenas 150 réis. — *Livraria Catholica de Aloysio Gomes da Silva*, — 53, Largo dos Loyos, 54 — Porto.

HISTORIA DA VIDA E MILAGRES DA THAUMATURGA DO SECULO XIX SANTA FILOMENA VIRGEM E MARTYR. *Traduzida do francez da impressão de Lauzana.* — O livro (de 171 pag., formato grande) tem a approvação da auctoridade ecclesiastica. Relata, em estylo symples e claro, a portentosa vida e milagres d'esta gloriosa Santa Virgem e Martyr, cujo corpo se venera na egreja das religiosas Carmelitas Descalças, em Vianna do Castello.

E', além d'isso, enriquecido com alguns exercicios de piedade em honra da mesma Santa, sendo, por consequencia, muito bem empregados os 300 réis que são o seu preço.

Vende-se na Portaria do referido Convento das Religiosas Carmelitas, em Vianna. Em Braga tambem está á venda na *Pap. e Typographia dos snrs. Augusto Costa & Pereira*, Largo do Barão de S. Martinho.

COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO, *Villa Real.* — Recebemos o relatorio da ultima época escolar.

O resultado final dos trabalhos evidenceia-se muito lisongeiro e animador para os dignos fundador e director e distincto corpo docente. Foi frequentado o Collegio por 94 alumnos; o numero das approvações nos exames foi de 66, o das distincções de 9 e de 6, apenas, o das reprovações.

Os nossos parabens, com os nossos agradecimentos pela offerta.

RELATORIO E CONTAS DA VENERAVEL IRMANDADE DOS CLERIGOS POBRES *com o titulo da caridade e protecção da Santissima Trindade, sita no edificio do extincto convento de Santa Martha de Lisboa, relativo ao anno economico de 1898-1899.*— MONTE PIO DO CLERO (11.º anno) — Apezar das difficuldades, quasi insuperaveis, com que tem lutado a direcção, e que véem largamente relatadas no presente opusculo, é consolador vêr que, ainda assim, vae prosperando, e alargando cada dia os limites de sua esphera de acção.

E mais poderia fazer, sem duvida, se não tivesse a lutar com a indifferença do clero, que mallogra toda a iniciativa proveitosa e util com que a benemerita Irmandade procura melhorar-lhe a sua afflictiva situação.

A receita foi de 8:040$016 réis, e despeza de réis 8:011$907; o saldo para o anno economico de 1899-1900 é de 29$109 réis.

A' utilissima instituição desejamos largos annos de prosperidades.

DIREITO CANONICO. — Acabamos de receber mais duas cadernetas, n.º 8 e 9 d'esta importantissima obra que a Empreza da *Revista Catholica* traz em publicação. Obra essencialmente necessaria ao clero, deve figurar em todas as estantes sem excepção de cathegoria.

E', até hoje, a primeira obra de *Direito Canonico* que se publica em Portugal.

Ainda se acceitam assignantes aos volumes e ás cadernetas.

Todos os pedidos devem ser feitos á Empreza da *Revista Catholica*, Vizeu.

CATECISMO DE PERSEVERANÇA. — Recebemos o fasciculo 48 d'esta magnifica obra do Padre Gaume; o seu editor o snr. Antonio Dourado ainda recebe assignaturas a fasciculos ou a volumes; está quasi concluido o 5.º volume, e depois da obra completa o seu preço será elevado. Pedidos ao editor, *Passeio da Graça*, Porto.

As nossas illustrações

I — FAC-SIMILE DA BENÇÃO DE S. FRANCISCO A FR. LEÃO. — Em certa occasião foi inspirado a S. Francisco, que seu amigo, o candido Fr. Leão, se achava preso de violenta tentação, que, por

vergonha e natural encolhimento, fugia de manifestar ao Santo Patriarcha. Pensava comsigo o bom do Frade: «se eu tivesse comigo uma só letra que fôsse, de meu Santo Pae, o demonio seria vencido e eu recobraria a paz».

Adivinhando-lhe este secreto pensamento, mandou-lhe o Santo que fôsse buscar os objectos necessarios para escrever. Trouxe-os, com effeito, e S. Francisco escreveu as palavras de que offerecemos um fac-simile; entregou o pergaminho a Fr. Leão e disse-lhe: «Meu caro Fr. Leão, toma isto e guarda-o comtigo toda a tua vida».

Mal que Fr. Leão o recebeu, dissipou-se logo, como por encanto, a importuna tentação, sendo-lhe restituida completa paz de espirito.

Fr. Leão serviu-se ao depois d'esta preciosa reliquia para dar saude a muitos enfermos. Por sua morte, foi guardada na egreja de S. Francisco, em Assis, onde se tem conservado até nossos dias.

*
* *

II — S. Francisco d'Assis (quadro de Murillo).

*
* *

III — Portal da egreja de Santa Maria de Belem *(Lisboa)*. — Por mandado de El-Rei D. Manoel, como recordação da descoberta da India, e no mesmo lugar em que embarcou o grande argonauta Vasco da Gama, é que foi edificado o mosteiro dos *Jeronymos*. Em gravura, damos hoje, a magestosa entrada principal d'aquelle notavel monumento d'arte nacional.

A sua architectura gothica, mas já em transição para o estylo manuelino, é hoje considerada uma das mais famosas preciosidades monumentaes que Portugal possue.

(Illustração Moderna).

*
* *

IV — R. P. Fr. Joaquim da Purificação.

*
* *

V — A loucura de Hugo van der Goes (Quadro de Emillio Wanters). — Hugo van der Goes foi uma das grandes illustrações da escola flammenga na segunda metade do seculo XV. Nasceu em Gand em 1420, e desde muito novo começou a distinguir-se como eximio artista.

Por morte de sua esposa foi invadido de tão profunda tristeza, que se retirou do mundo, acolhendo-se a um convento junto a Bruxellas.

A tristeza veio a degenerar em loucura e melancholia; cada vez que lhe sobrevinha um accésso, os monges conseguiam acalmal-o por meio da musica.

Tal é o assumpto da nossa gravura.

CHRONICA UNIVERSAL

ROMA

O Congresso Orientalista. — Celebrou-se o 12.º Congresso de Orientalistas em Roma, presidido pelo Conde De Gubernatis. Sentiu-se muito a falta de concorrencia por parte da Propaganda que tão bellos recursos prestara ao 4.º Congresso, reunido em Florença, pondo á sua disposição os sabios e missionarios catholicos. D'aqui os protestos de De Gubernatis contra a Propaganda e os jesuitas: «Contra vós, jesuitas, dizia elle, porque é bem sabido que, mais do que outros, encheis o Vaticano de suspeitas contra nós, removendo-o assim do seu verdadeiro apostolado». Ora, não só os jesuitas, mas qualquer outro póde fazer vêr ao Conde De Gubernatis que ha muita differença em se reunir, em nome do governo italiano, um Congresso em Florença ou em outra qualquer cidade, a reunil-o em Roma. Roma é uma cidade cosmopolita onde ninguem é estrangeiro e da qual nenhuma auctoridade póde dispôr a seu bel-prazer, a não ser o Vigario de Jesus, como Pae Commum de todos os fieis e de todos os povos.

Eis o resumo dos trabalhos do Congresso: — 1.º Linguistica Geral Indo-Europeia em relação ás linguas italicas, ao Etrusco, Balkans ás da Asia menor.

2.º Geographia e etnographia do Oriente.

3.º Historia comparada das religiões Orientaes e mithologia comparada.

4.º China, Corea e Japão.

5.º Birmania, Indochina, Malasia e Madagascar

6.º India, Iram.

7.º Asia Central.

8.º Linguas e litteraturas scientificas.

9.º Idade mulsumana.

10.º Egyptologia e linguas africanas.

11.º Grecia e Oriente, estudadas especialmente na época bysantina e musulmana, em suas relações com a Italia.

12.º Linguas, povos e civilisação da America em sua origem e relações com as linguas, os povos e a civilisação da Asia.

O Papa e a sciencia. — O Papa por occasião do Congresso, incumbiu o celebre archeologo christão, Horacio Marucchi de confeccionar o catalogo do Museu Egypcio-Vaticano, obra que elle resumiu em um volume de 350 pag. em 4.º; ahi descreve tambem os monumentos contidos nas dez salas do dito museu, illustrando a sua discripção com os testimunhos giroglificos por elle traduzidos, dos proprios monumentos.

PORTUGAL

A peste. — A peste que ha mais de um seculo havia abandonado a Europa, voltou agora de novo, começando por invadir o nosso Portugal. Não mencionamos os dois casos occorridos em Londres em 1877, por isso que não fô-

ram de maiores consequencias. O numero de victimas não é muito consideravel, porém o microbio existe e póde installar-se no solo, o que talvez determinará a sua conservação entre nós ainda por bastante tempo. O snr. Calmette é de opinião que a epidemia seja benigna, porém que o microbio ainda sobreviverá por muito tempo. Nas Indias a peste desapparecia em julho para reapparecer nos fins de outubro, conservando se no inverno para attingir o seu maximo de intensidade nos começos da primavera. Não se pódem pois saber ao certo as causas determinantes da peste no Sul da Europa, onde a doença parece nada ter perdido de sua gravidade.

No extremo Oriente a peste mata ainda hoje, como na meia idade, 80 por cento dos individuos atacados. A peste, porém, não attinge senão as populações rebeldes a todos os cuidados de limpeza, vivendo em locaes immundos. A experiencia temol-a no Porto, onde a peste surprehende quasi exclusivamente os habitantes que vivem em casas estreitas, desprovidas de ar e luz.

Em resumo: a peste é uma doença que se propaga mui lentamente e as medidas prophilaticas tomadas a tempo podem deter o mal com facilidade. Póde-se circumscrever o seu campo d'acção, ainda mesmo em larga escala.

As medidas recentemente tomadas pelo nosso governo, chegam a prohibir e suspender a circulação de qualquer jornal que negue a existencia da peste bubonica no Porto, ou que injurie as auctoridades administrativas, sanitarias ou policiaes encarregadas de pôr em pratica as medidas necessarias para combater a epidemia ahi reinante.

Collegio portuguez em Roma. — Nos primeiros dias do mez de novembro terá tambem Portugal um Collegio para os seus jovens ecclesiasticos em Roma. Inaugurar-se-á com uma duzia (ou pouco mais, por emquanto) de jovens clerigos mandados pelo nosso episcopado, que mostra ter todo o empenho para que esta instituição progrida. Digne-se Deus abençoar esta tão santa obra, que tantos beneficios prestará ao nosso clero.

Ainda o jogo. — Por uma carta publicada nas *Novidades* vêmos bem o estado degradante, a que leva o jogo, onde quer que elle se desenvolva. «A impressão que me causou em seguida á leitura da local *O desastre d'hoje*, foi dolorosa, muito dolorosa. Attribue V., Snr. Director, a morte de José de Sousa a um desastre casual. E porque não a um voluntario e proprio? Não seria o desgraçado mais uma victima do criminoso procedimento das auctoridades de Cascaes que permittem, não digo já contra as leis da humanidade, mas contra as leis do paiz a existencia de 9 casas de tabolagem publicas, portas escancaradas, até para menores e onde funccionam umas 20 roletas além do *monte* e da *lança franceza?*

Com grande espanto meu, tem-se V. mostrado indulgente, não só para com as auctoridades prevaricadoras, mas tambem para com os vampiros que alli sugam dezenas de infelizes. Ah! é porque V., Snr. Director, nunca viu senão superficialmente uma banca de jogo! Olhe-a com attenção, friamente, faça chegar a sua vista clara e penetrante até ao ámago d'essa miseria doirada e ridente e um grito de indignação, de protesto lhe brotará do peito! Circumstancias que hei de expôr n'uma carta que em breve darei á publicidade, dirigida a Sua Magestade, a rainha D. Maria Amelia, caso esses antros não sejam mandados fechar immediatamente, me téem posto ao facto da perda irremediavel de muitas familias que antes do jogo em Cascaes viviam desafogada e honradamente, de expatriações, alcances, fugas e suicidios, mas estes bem definidos, não problematicos como o de agora.

Sua Magestade que é mãe, que é boa, que é santa não consentirá, oh! não! que alli a dois passos de sua real casa, onde seus filhos brincam e riem despreoccupados, cercados de todo o conforto, felizes, se sorva no abysmo do jogo illicito, d'esse jogo que constitue o mais execrando de todos os vicios á face dos homens virtuosos e á face de Deus, o pão e o agasalho de tantos innocentinhos, de tantas esposas, mães e irmãs.

Cascaes tem progredido n'estes dois ultimos annos; o seu progresso tem stygma infamante da immoralidade, da maldição d'aquelles a quem uma estrella funesta arrojou para o seu sorvedouro, bens, honras e vidas.»

E' honesto e dignissimo, acrescenta o *Jornal do Commercio*, o espirito d'esta carta, que deve ter calado fundo no coração de toda a gente honesta; e na verdade, é tempo já que Cascaes páre com tanto progresso adquirido á custa da *batota*.

Demais, é immoral que a residencia de outomno do Chefe do Estado esteja encravada entre um verdadeiro formigueiro de batoteiros, espectaculo este que ainda se não tinha visto em Portugal.

INGLATERRA E TRANSVAAL

A republica sul-africana e a Inglaterra estão agora discordando sobre uma questão de direito internacional. Estará o Transvaal sob a *suzerania* da Inglaterra? Prescindindo d'esta questão, na nossa missão de chronista, vamos dar uma succinta noticia de quem sejam os boers, esse pequeno povo tão bem representado nos transvalinos, que tão denodadamente defendem os seus interesses contra a preponderancia ingleza.

Os boers descendem dos hollandezes e dos huguenotes francezes. Os primeiros chegaram ao Cabo em 1662; os segundos depois da revogação do edito de Nantes.

Os dois elementos não tardaram em fundir-se, pelo que o elemento francez, muito menos importante, foi completamente absorvido pelo elemento hollandez.

Nos fins do seculo passado os inglezes chegaram ao Cabo; os boers eram então perto de 20:000. Depois da chegada dos inglezes muitos boers abandonaram seu proprio paiz, pelas planuras de Karroo, junto ás margens do rio Orange. Em 1833, tendo o governo inglez adoptado certas medidas, as quaes os boers consideraram incompativeis com os proprios interesses, deu-se uma extraordinaria emigração. Abandonaram o seu sólo perto de 10:000, passaram além do Orange e se espalharam no deserto, fazendo uma vida nómada, com a espingarda na mão atraz dos seus rebanhos.

Após uma série de lutas sangrentas, e muito

desgraçadas, com os negros indigenas, os foragidos acabaram por fundar em 1640 a cidade de Pietermaritzbourg, pretendendo formar uma republica. Porém, apenas o governo inglez soube que se formava a nordeste do Cabo um estado boer, apressou-se a occupar Pietermaritzbourg. Eis para os boers a causa de uma nova emigração. Conduzidos por Pretorius estabeleceram-se primeiro entre o Orange e o Vaal, onde fundaram o estado do Orange; depois entre o Vaal e o Limpopo onde crearam a republica do Tranvaal. Pretorius foi eleito presidente.

Um novo encontro sanguinolento em Bloompatz, a 28 d'agosto de 1848, entre as tropas do Cabo e os boers, capitaneados por Pretorius, deu em resultado uma derrota para estes ultimos, exigindo os inglezes para resgate de Pretorius 50:000 francos, sendo tambem declarado provincia britanica o estado de Orange. Pretorius e seus sequazes retiraram-se ao norte do Vaal até ao Limpopo. Comtudo, a Inglaterra parece permanecer em estado de luta perpetua.

Em 1852 Pretorius foi chamado a Bloenfontain, onde o governo inglez reconhece a independencia do Transwaal, e d'ahi a um anno a do estado de Orange.

A existencia do Transvaal, teve a lutar ainda com maiores difficuldades. De 1872 a 1876 deram-se frequentemente conflictos com as tribus indigenas. Em 1877 existia entre os boers uma desoladora anarchia. Após uma desventurada campanha entre os negros basutos, estavam em crise as suas finanças, o governo Central desacreditado, e havia graves dissenções internas.

Muitos dos mesmos boers pediam a annexação do Transvaal á Inglaterra, a qual mandou immediatamente a Pretoria Theophilo Shepton, governador do Natal, com um destacamento de tropas declarando o Transvaal provincia britanica. Os boers a principio não oppuzeram resistencia alguma, mas depois choraram bem depressa a independencia que tão facilmente abandonaram; e o seu descontentamento augmentou quando perceberam que a administração ingleza, não só intervinha nas suas relações com os indigenas mas queria até prohibir-lhes o uso da lingua vernacula perante os tribunaes e nas escolas. Apparece de novo uma nova revolta, cujo resultado foi inesperado dos mesmos boers. Estes, sob commando habil e energico do actual presidente Krüger e do general Joubert alcançaram sobre as tropas inglezas brilhantes victorias na passagem de Laings-Neckem Schanis-Hoogt e Amajouba-Hill.

A convenção de Amajouba-Hill de 3 de agosto de 1881 reconhece a autonomia do Transvaal sob o protectorado da Inglaterra e a de Londres de 27 de fevereiro de 1884 reconheceu a mais a existencia da Republica Sul Africana como estado livre e absolutamente independente.

Boers e inglezes até fins de 1885 permaneceram no seu estado normal; ultimamente, porém, agita-se com violencia a questão sobre o predominio do elemento boer ou do elemento inglez.

A revelação subita das riquezas auriferas (escondidas no solo de Witwaterrand ou mais commumente de Rand) attrahiu para aquellas terras um numero incrivel de exploradores e mineiros.

Em 1887 o Rand era apenas um vasto deserto sem arvores nem agua. Surge immediatamente Joannesbourg, capital do Raud a maior cidade da Africa austral. Em 1892 já se contavam 30:000 habitantes n'aquella região, em 1894 60:000; actualmente porém conta 120:000. A excepcional concorrencia de estrangeiros tem causado entre os habitantes do Rand e os antigos possuidores do paiz uma terrivel opposição, da qual a Inglaterra tem procurado aproveitar-se.

Nos fins de 1895 o odio entre estrangeiros e boers resolve-se na empreza Jameson, tão vigorosamente rebatida pelos boers, com graves perdas da Inglaterra.

O governo inglez dissimula a acção de Jameson, mas o certo é que desde então fôra decretada a conquista do Transvaal. Agora tornou-se inevitavel um conflicto. Os boers adestrados pelas luctas passadas estão resolvidos a resistir com firmeza. «O snr. Chamberlain, diz o presidente Kruger no seu ultimo discurso em Pretoria, exigiu tudo o que os boers possuiam, agora quer assenhorear-se tambem de sua independencia, isto é da sua vida. Os boeres, porém, jámais lh'a concederão.

Está finalmente declarada a guerra. O ultimatum apresentado pelo presidente Kruger a sua magestade britannica deu ensejo a que fôsse declarada a guerra. Ainda não era sufficiente o sangue derramado em tantas guerras que tem affligido a humanidade n'este seculo que mais apropriadamente se deve chamar de sangue, que o seculo de luzes.

Toda a imprensa, sem distincção de côres nem de partidos, se colloca ao lado dos boers contra a Inglaterra, porém isto pouco ou nada vale para o resultado final da guerra. Se os jornaes fôssem canhões, já hoje a Inglaterra seria riscada do mappa das nações. A experiencia temol-a ainda no recente conflicto Hispano-Americano. O mesmo acontecerá agora ao Transvaal, attenta a sua posição geographica; encravados no interior, sem porto algum por onde se sirvam terão por fim de ceder aos 150 canhões dos inglezes e a suas immensas riquezas. Alguns encontros já terão havido, mas pouco ou nenhum credito podemos dar aos telegrammas e noticias a este respeito propaladas, pois que as vias de communicação da Africa Austral com a Europa estão todas em poder dos inglezes, e elles terão o cuidado de publicar o que muito bem lhes convier.

FRANÇA

Vingança dos Dreyfusistas. — Os Dreyfusistas derramam agora a sua bilis contra os catholicos, propondo a suppressão da embaixada franceza junto ao Vaticano, mas os jornaes mais auctorisados combatem-na como perniciosa aos interesses do paiz. O *Temps* e o jornal dos *Debats* dizem que uma questão como esta, meramente politica, deve separar-se da questão Dreyfus. O Papa conserva ainda uma grande auctoridade moral e os interesses internos e externos da França exigem a conservação das relações cordeaes com este. Não convém fazer nada que possa dar aos catholicos novos motivos de agitação. Os jornaes ajuntam, que o governo se opporá á suppressão da embaixada votada já pela Commissão.

Combatem tambem a suppressão o *Matin* e o *Figaro*.

«2.º — Que as Congregações religiosas, auctorisadas ou não, sejam supprimidas.

«3.º — Que os bens legados sejam confiscados em proveito da nação.

«E completa-a, pedindo :

«Que o uso dos habitos ecclesiasticos seja interdicto em França e nas suas colonias ao clero regular e secular, conforme as leis concordatarias.

«O Congresso das LL.·. da Religião Parisiense :

«Considerando que os peditorios domiciliarios feitos por ecclesiasticos ou religiosas de qualquer Ordem, constituem uma verdadeira infracção ás leis e decretos prohibindo a mendicidade no territorio francez, propõe : que seja interdicta toda a pessoa, quemquerque seja, religiosa ou leiga de fazer peditorios domiciliarios ou de qualquer modo, sem estar munida d'uma auctorisação que lhe será dada pelos poderes publicos.»

Ah ! *liberaes* d'uma figa ! assim é que é a coherencia — comer á tripa forra e deixar morrer os outros de fome ! A liberdade, nas vossas mãos, ha de ser liberdade só para vós, para os outros o despotismo e a tyrannia !

Quantas vezes não sente a gente vontade de exclamar com Camillo : «oh, liberaes, oh pandegos ! Lombrigas que roeis o intestino recto da Democracia ! eu vos arrenego.»

Mas... é em nome da liberdade... Silencio, escravos !...

— *A Nação* publicou ha tempo o seguinte artigo, que ainda hoje tem toda a opportunidade :

«*A maçonaria*. O distincto escriptor Guy de Maupassant escreveu um conto intitulado *O meu tio Sostenio* o seguinte ácerca da maçonaria :

«Meu tio era da maçonaria. Cra eu entendo que os maçons são mais estupidos que as beatas velhas. E' opinião minha e sustento-a. Quanto a ter uma religião, bem me bastaria a antiga.

«Esses palermas, afinal não fazem mais do que imitar os padres. Téem por symbolo um triangulo em vez de uma cruz. Possuem templos chamados lojas com um amalgama de cultos diversos : o rito escossez, o rito francez, o Grande Oriente, uma série de trapalhadas de rebentar a rir...

«Ah sim, mas vocês são uns finorios ! Se me dizem que a maçonaria é uma fabrica eleitoral, concordo; não negarei mesmo que seja uma machina de votar que não tenha outra funcção que intrujar o bom povo e arregimental-o para ir á urna tal como marcham os soldados para o fogo ; sou ainda da vossa opinião; que é util, mesmo indispensavel a todas as ambições politicas, porque transforma cada um dos seus membros em agente eleitoral, ainda posso gritar alto e bom som : — claro como o sol !

«Mas se vocês pretendem que ella sirva para minar o espirito monarchico, obrigam-me a soltar-lhes uma gargalhada nas ventas ! Ora vejam-me vocês essa vasta e mysteriosa associação democratica que teve por grão-mestre em França o principe Napoleão, no tempo do imperio; que tem por grão-mestre na Allemanha o principe herdeiro; na Russia, o irmão do czar ; de que, em summa, fazem parte o rei Humberto e o principe de Galles e todas as pinhas coroadas do globo !

«Tinha realmente muita graça vêr meu tio Sostenio offerecer de jantar a um maçon. Encontravam-se primeiro e tocavam-se as mãos com um ar mysterioso, comico a valer ; via-se que elles se entregavam a uma série de pressões secretas. Quando eu queria pôr meu tio, em colera só tinha que lembrar-lhe que os cães téem tambem uma maneira muito maçonica de se reconhecer.

«Depois meu tio levava o amigo para um canto, como para lhe confiar coisas consideraveis ; depois, á meza, em frente um do outro, tinham uma maneira de se considerar, de cruzar os olhares, de beber com piscadella de olhos como se dissessem :

— Nós cá estamos, hein ?

«E pensar a gente que ha milhões de homens na terra que se entreteem com taes patuscadas ! Antes ser jesuita.»

Particularmente curiosa a analogia entre o modo de cumprimentar dos cães, e o modo de cumprimentar dos mações..

Montariol, 20-xi-99. O CHRONISTA DA VOZ.

ADVERTENCIA. — Qualquer importancia que haja de ser remettida ao Snr. Thesoureiro da «Voz de S. Antonio» deve ser dirigida com a seguinte direcção — *Domingos José de Sonza Gomes — Pharmacia «Souza Gomes»* — BRAGA.

A folhinha franciscana *para a recitação do officio divino em 1900.*—Já está impressa. Será enviada a quem remetter, para custeio das despezas a fazer com a respectiva publicação, a quantia de 200 réis.

Aos rev.ºs ecclesiasticos membros da V. Ordem Terceira, é concedido poderem satisfazer segundo ella a obrigação do officio divino. E' muito conveniente que usem de tal privilegio, que assim terão mais occasião de aprender eloquentes lições de espirito evangelico e religioso, de que são fecundo menancial as vidas dos santos das tres ordens de S. Francisco.

ALMANACH DE SANTO ANTONIO
PARA 1900

Já está no prelo, e contamos que a impressão estará ultimada por todo o mez de Novembro. Este anno vem consideravelmente augmentado e muito melhorado.

Insere numerosos artigos moraes e doutrinaes, poesias escolhidas de auctores contemporaneos e já fallecidos, historias e lendas religiosas, anecdotas, pensanentos, curiosidades instructivas etc

E', além d'isso, illustrado com numerosas gravuras, muitas das quaes fôram encommendadas de proposito para o «Almanach».

O preço, incluindo o pórte do correio, é de 250 réis. Um volume de mais de 200 pag., optimo papel e impressão esmerada.

Desde já se acceitam encommendas, que deverão vir acompanhadas da respectiva importancia.

Aos amigos e devotos de Santo Antonio rogamos, para a maior diffusão d'este livro, o auxilio da sua valiosa cooperação.

Argus de la Presse
Fondé em 1879

Pour être sûr de ne pas laisser échapper un journal qui l'aurait nommé, il était abonné á l'*Argus de la Presse* «qui lit, découpe et traduit tous les jornaux du monde, et en fournit les extraits sur n'importe quel sujet».

Hector Malot (*ZYTE, p. 70 et 328*).

L'Argus de la Presse fournit aux artistes, littérateurs, savants, hommes politiques, tout ce qui paraît sur leur compte dans les journaux et revues du monde entier.

L'Argus de la Presse est le collaborateur indiqué de tous ceux qui préparent un ouvrage, étudient une question, s'occupent de statistique, etc. etc.

S'adresser aux bureaux de l'«Argus», 14, rue Drouot, Paris. — *Téléphone.*

«L'Argus» lit 5,000 jornaux par jour.

Almanach da Provincia do Minho

Commercial, burocratico, descriptivo e historico para 1900

(7.º anno da sua publicação)

Está no prelo este importante almanach, para 1900, e como o seu editor deseje tornal-o o mais rigoroso possivel nas suas indicações pede a todas as pessoas que queiram incluir os seus nomes no referido almanach, o favor de o participarem á Livraria Central-Editora de Laurindo Costa, Praça do Barão de S. Martinho, 49 e 50, indicando a sua profissão e morada.

Apesar de serem tomadas por pessoa competente as indagações com todo escrupulo, ainda escapam algumas, que facilmente se póde evitar por esta fórma.

Braga, Outubro de 1899.

VIDA POPULAR DE S. LUIZ GONZAGA

Nova edição em typo elzivir accrescentada com um breve do Santo Padre Leão XIII, supplicas e orações a S. Luiz e um gracioso dialogo infantil em verso de *C. S.*

Preço 20 réis, pelo correio 25 réis.

A' venda na livraria Catholica em *Lisboa* na do dr. Almeida Azevedo em *Lamego* e na loja do snr. Manoel J. d'Oliveira Bastos em *Guimarães*.

Para propaganda, escolas populares e catecheses, remetter-se-hão na volta do correio e francos de porte.

10 exemplares	. . . . .	200 réis
25	»	450 »
50	»	750 »
100	»	1$200 »

Para os pedidos por junto basta a seguinte direcção:

J. Sarmento — *Guimarães.*

AZEVEDO COUTINHO

Bom Jesus do Monte

(esboço historico e descriptivo)

Com prefacio do erudito professor decano do lyceu central de Braga exc.mo snr.

Dr. Pereira Caldas

Obra illustrada com photo-gravuras

Divide-se em duas partes o livro, comprehendendo a primeira a historia do sanctuario até á actualidade, e a segunda a descripção do santuario.

SUMMARIO DOS CAPITULOS

1.ª Parte. — Origem do Sanctuario — Instituição da Confraria—Restauração do Sanctuario—Os Breves Pontificios—Edificação do novo templo—Occorrencias posteriores — O plano automotor—O sanctuario no seculo XVIII — O centenario do Bom Jesus — Estatutos da Confraria — Graças e privilegios—Traços biographicos de benemeritos.

2.ª parte — O portico e as capellas—Escadorios e terraços—O templo — Avenida e terreiro dos Evangelistas — Hoteis e dependencias do sanctuario—O elevador—O parque—As festividades no sanctuario.

Preço 500 réis.

A' venda na livraria Central-Editora de Laurindo Costa, 49, largo do Barão de S. Martinho 50, Braga, e nas principaes livrarias do paiz.

Conferencias religiosas do reverendo padre Monsabré

RECITADAS NA CATHEDRAL DE NOSSA SENHORA DE PARIS

Versão portugueza pelo dr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente de Vesperas e Decano da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra

As conferencias do rev.º padre Monsabré, que téem sido acceites pelo mundo sabio como uma das mais brilhantes apologias da religião christã, podem considerar-se como um tractado completo da philosophia e theologia catholica, exposto em estylo brilhante e d'um modo perfeitamente adaptado ás exigencias scientificas da epocha. Tambem são um thesouro de preciosos elementos para os oradores sagrados, um manancial fecundissimo da mais transcendente philosophia e theologia, e além d'isso o exc.mo e rev.mo snr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente de Vespera e decano da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra, que se encarregou da traducção portugueza, precedeu-as d'um brilhante prefacio.

Está já concluida a reimpressão dos volumes que se haviam esgotado, o que fez com que alguns se não podessem obter nem por 1$000 réis cada volume; por isso o editor snr. Reis Leitão, resolveu abrir nova assignatura para a obra completa (18 volumes) ao preço de 600 réis cada volume e pelo correio 640 (11$502 réis a obra completa).

Quem remetter ao editor snr. J. J. Reis Leitão, rua do Norte, n.º 6,—COIMBRA—até ao dia 31 do mez de Outubro, a quantia de 9$000 réis receberá os 18 volumes, e como brinde o importante livro — «Defeza das Ordens Religiosas e Analyse do Relatorio do Mata-Frades», pelo redactor da «Ordem» padre Almeida Silvano.

Harmonia entre a sciencia e a fé

PELO PADRE MIGUEL MIR

Versão portugueza sobre a segunda edição hespanhola por Antonio Correia de Menezes, bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra

2 volumes 1$200 réis — Pelo correio 1$300 réis

Os pedidos feitos ao editor snr. J. J. Reis Leitão, rua do Norte, n.º 6 — COIMBRA — até 13 de Outubro, serão satisfeitos na volta do correio a quem enviar a quantia de 960 réis.